



Universidade Federal
de Campina Grande



FLOR DE LIZ

Números:

Janeiro 1930

Cajazeiras
2013

FLOR DE LIZ

Nº 1 - **JANEIRO**
Nº 2 - **FEVEREIRO**
Nº 3 - **MARÇO**
Nº 4 e 5 - **ABRIL E MAIO**

[illegible]

similis e contrastante metaphysica — e evolue pelo cerebro e pelo coração. Pelo cerebro não só com a accumulacão de conhecimentos uteis ao proprio bem estar e commodidade, mas tambem com o aperfeiçoamento do senso esthetico, elemento indispensavel á integracão do homem na sua verdadeira finalidade. Pelo coração — á margem o lado scientifico — com o desabrochar de sentimentos bons de piedade e amor ao proximo, sentimentos que põem o homem em contacto mais intimo com o Creador e as demais creaturas. Os escravos se têm emancipado por força dessa evolução, sem luctas importantes ou empenhos de vulto levantados pela propria classe.

Com os povos tem-se dado o contrario. Estes é que, arrastados pela intolerancia dos governos, em assomos de reacção menos psychologica que biologica, se levantam contra os seus usurpadores, reconquistando pela força o que lhes foi negado pelo direito!

E a mulher?

Mais que os escravos e mais que as nações, ella teve a intuicão exacta do seu papel na lucta. Conscia do que de artistico e terno nella se contem, esperou a evoluçã do homem, como o botão aguarda o orvalho da noite para desabrochar sorrindo. Na campanha empregou a arma de que dispua: a belleza da expressão, a ternura do gesto, a bondade das acções, o desvêlo do tratamento, a solicitude no sacrificio, essas mil maneiras de prender, que são um segredo da mulher e a couraça de protecção de sua propria fraqueza. E não ficou ali em originalidade. Os demais emancipados, quando não cortam o pescoço aos seus algozes, homenageiam-os com o mais candente dos desprezos. A mulher não. Haverá originalidade maior?

Agora uma questão. A mulher, ascendendo ás alturas em que paira, pode ser equiparada ao homem em força intellectiva e aptidões para os misteres ordinarios da vida?

Ha quem negue, egoisticamente.

Sob nenhum outro aspecto o egoismo do homem me parece tão irritante e até ridiculo como sob este. Lembra-me o vencido que, falto de nobreza para o reconhecimento da propria derrota, olha por cima do hombro o vencedor.

Sou pela igualdade da mulher. No exercicio das funcções peculiares a cada sexo, a mulher é tão util á sociedade quanto o homem e tão apta quanto elle. Mas não é só a esse circulo de actividades que se limitam as aptidões da mulher. Vejo-a em tudo equiparar-se ao homem. Tanto quanto elle possui a mulher intelligencia lucida e activa, memoria efficaç, assimilação rapida, raciocinio prompto, imaginação fecunda. Tanto quanto elle a mulher observa, indaga, formula hypotheses, conclue, critica, afina: e se no estylo perde, ás vezes em vehemencia e audacia, ganha em doçura e subtilidade. O facto de haver entre as civilizações numero menor de nomes femininos, explica-se pela diversidade de ambiente em que a mulher se educa. Dê-se a mulher

instrucção nos moldes da ministrada ao homem e veremos.

E se intellectualmente a mulher está ao nível do homem, em outros campos de actividade essa equivalencia resalta melhor á vista de todos.

A Grande Guerra teve, entre outras utilidades, esta: levando o homem ao *front* e ampliando desmedidamente a esphera de acção da mulher, dar oportunidade á maior demonstracão de resistencia physica e moral de que é capaz um sexo que se diz fraco. Na agricultura e no commercio, nas fabricas e nas trincheiras, onde quer que tenha faltado o braço masculino, multiplicando-se em trabalho e heroismo, appareceu a mulher. E essa demonstracão lhe tem servido de escudo na vida. Pois, o que vemos hoje? A mulher luctando ao lado do homem, no lar, se fôr preciso estar no lar, fóra d'elle, se isto aconselharem as circunstancias.

E aos que não apoiarem estas idéas, pergunto eu: Porque será que a mulher, em tão exiguo periodo de provas, já conta com o seu bocadinho de preferencia no seio dynamico do mundo industrial e mercantil?

Sejamos menos egoistas e dêmos a Cesar o que é de Cesar.

Ha ainda um outro aspecto da questão que acho inoportuno abordar aqui: é a sua feição meramente politica. Pode susceptibilizar. As mulheres, em geral, já têm idéas assentadas a este respeito e sei, por experiencia, que não lhes agradará uma possivel contradita. Entretanto, quanto a nós e attendendo a situação politico-financeira que atravessamos, possuímos as brasileiras um pouquinho mais de cultura, eu não hesitaria em mandal-as para as urnas e para o parlamento, na esperanza de ver salvo o regimen. Quando mais não seja, as nossas patricias conservam ainda intacto o seu patrimonio inalienavel de honestidade e brio, virtudes de que já perdeu a noção a maioria dos politicos militantes do paiz.

E o terceiro periodo?

E', sobretudo, aquil que está o pittoresco do meu methodo. Não occupa elle, como os antecedentes, logar no tempo e no espaço e com elles anda de mistura. Não teve corpo já-mais. E' puramente subjectivo. Não existe senão na cabeça das mulheres. Forma-se como a illuminacão ondeante dos pyrilampos, na noite densa—de scintillações ephemerass. E tem o seu imperio nas horas de *toilette*, quando, diante da fidelidade dos crystaes polidos, embriagadas pelos proprios encantos, contemplanço a expressão de um sorriso que esvoaça. As mulheres atiram na ponta dos labios um muchocho para os homens.

Não é isto verdade?

Não neguem.

As minhas amiguinhas todas já tiveram momentos de exaltação psychica em que se julgaram superiores aos homens!

Instantes de irrelexão, mas tiveram!

Capitulos Janeiro—1900.

Morrer... vivendo

ALVARO GUERRA

Aquella dia, levava eu comigo, a passeio, uma de minhas amigas. Saíndo do carro na estação, atenciosa e silenciosa, uma senhora para mim desconhecida me ajudou a descer a pequenita. Agradei-lhe a gentileza e, porque ella, muito educada, insistisse em fazer-me conhecer a menina, perguntei-lhe se conhecia, acaso, a mãe daquela criança.

Replicou-me que não. E acrescentou:

— Conheço só o senhor.

— A quem? — interroguei surpreso.

— Sou o senhor. De certo já não se lembra da V. C. E rem razão Viu-me ainda tão pequenita, e ha tantos annos!.

— A senhora? Vi-a pequenita ainda ha muitos annos?!

— É verdade.

— Mas onde? Em que lugar?

— Em sua terra. Também sou humilde. Ha apenas cinco annos que minto por estes lados.

E ella que vinha com uma senhora luctuosa despediu-se, dizendo-me por último o seu nome.

Os passageiros aglomerados na estação começaram a espalhar-se pelas ruas, silêntes do cansaço. Deixei qualhomem o seu nome e eu também, caminhando ao vagar, a passos lentos, para voltar com o guarda-sol a minha pequenita companheira de viagem.

O originado apparecimento de uma conhecida deu-me que fazer. Aquella conhecida, creiam, porém, não me reconheceu de nome, a menos em que ali estive.

— Quem és tu? — dialogava então com meus olhos. Conheço-te? — a pergunta ainda. E a resposta: Quem será?

E, por mais tratos que infligisse á memoria, não conseguia lembrar-me.

Na volta, ao entrar para o carro, dei de novo com a minha conhecida... Aproximei-me então de sua poltrona e, muito respeitoso, travei palestra com a joven itinerante, enquanto a locomotiva, resfolegando, começava a rodar vagarosamente.

— Tenho mudado muito, não?

— Parece, minha senhora...

— O senhor é que quasi não mudou. Só tem de mais a barba.

E contou-me que viera para São Paulo em 1892.

— Foi nesse anno — explicou-me — que meu pae trouxe a familia cá "para cima".

Então eu, confundido, atalhei:

— Exactamente. Recordo-me. Seu pae morou aqui algum tempo. Depois, foi para o Oeste. Comprou lá uma fazenda... Não é verdade?

Ella sorriu-se com tristeza e replicou-me:

— Não, senhor. Meu pae foi, mas, para o outro mundo.

E como a resposta me desapontasse, proseguir:

— O senhor está confundido. Refere-se talvez, a outro fazendeiro de nome quasi igual ao da meu pae. Lembre-se de que a primeira vez que me viu foi em casa de minha avó e que papae, ali, era conhecido por certo appellido familiar. E citou-me o appellido.

Reconcentrei-me alguns momentos com o queixo apoiado ao cabo do guarda-sol. Estive assim silencioso, a reflectir, muito tempo. Afinal, por um esforço supremo de memoria, fez-se-me a luz no espirito!

III

De facto, aquella senhora tão pobremente vestida, mas digna esposa de um operario, aquella

senhora ainda tão jovem, mas que, pelo olhar maguado, embora intelligente e vivo, já parecia ter soffrido muito; aquella senhora... de quem eu me esquecera por completo... vi-a menina ainda ou, a bem dizer, "menina e moça"! Vi-a sim, em casa da avó, por uma tempestuosa tarde de agosto, em que, colhido em viagem por violenta chuva, tive de ir bater áquelle sumptuoso solar, para pedir abrigo por uma noite. Effectivamente, lá pernoitei, e lá passei o dia seguinte.

E que bem me tratou a boa velhinha! E que rica era mesmo a sua fazenda! Edificio vasto, num alto; decoração brilhante, luxuosa; mobilia finissima de cunho heraldico; pinturesco jardim na frente, povoado de estatuas brancas, — rissonhas e circumspectas na sua vida de marmore...

E o anjo tutelar daquella venda campestre, a bemfazeja fada de tal paraizo, o idolo ali mais adorado, era exactamente aquella jovem, agora tão humilde, tão modesta, tão pobremente vestida!...

E fiquei triste alguns instantes. Não pelas revira-voltas que o mundo dá, mas — vejam bem! — pelo meu singular desmemoramento.

Como foi que do cerebro se me apagaram aquellas recordações? Como ficaram tanto tempo mortas?...

Decididamente, meus amigos, o homem vai morrendo aos poucos... Essa perda parcial da memoria é, de véras, uma especie de morte em vida.

Esquecer-se — é morrer... vivendo.

OS
VERSOS
DE
MINHA
MÃE

Colégio Diocesano
Padre Rolim
Ing. na Lei de D. e B. e L. d. B. d.
CAJAZEIRAS
EST. DA PARAIBA



LUIZ
DE
ANDRADE

I

—Sê sempre bom, meu filho!— tu dizias
alisando-me o rosto de criança,
e com essa voz de santa, ungida e mansa,
me acalentavas e me adormecias.

Toda a Fé que me punhas na lembrança
para futuras horas mais sombrias,
fugiu na successão das agonias,
de anseios, tedios, spleen, desesperança . . .

—Sê bom. Estuda. Forma tua vida
pela moralidade mais austera,
como a da vida toda de teu pae —

Oh! Mãe! De tanta coisa commovida,
nada minora a maldição severa
de ser quem sou que sobre mim recae.

II

Num sabbado de doze de janeiro
aos santos oleos do rosal poente,
tu, oh! mãe, lyrio santo, docemente
morreste, como um lyrio em seu canteiro.

Lembro-me bem: meu pae, no desespero
brutal da confusão mais inclemente,
levou-me a dar o beijo derradeiro
na que a morte fizera eterna-ausente.

Beijei-te a face fria e o olhar vidrado,
emquanto o sino máo do Amparo, ao lado,
embalava o teu somno redemptor.

Passaram dias e correram annos,
e todos meus aziagos desenganos
são apenas a sombra dessa dor.

III

Chove tanto, mãesinha, chove tanto
no silencio da noite sem luar.
E' o inverno que vem, lívido e em pranto,
sua tristeza á minha dor casar.

E nessas horas eu te chamo, emquanto
me dominando para não chorar,
quero acolher-me sob o doce manto
de teu profundo e luminoso olhar.

E' o triste inverno de minh'alma. Agora,
a amargura infinita me devora
de sentir-me tão só nessa algidez.

Oh! Teu filho, mãesinha, está doente:
dá-lhe conforto ao coração fremente,
leva-o contigo, mas o de uma vez .

MENORES

delinquentes

O Dec. Est. n. 1606 de Novembro de 1929 vem de pôr em execução a lei n. 635 de 4 de Dezembro de 1926, creando para o fim destinado o Centro Agrícola de Pindobal, com sede na propriedade desse nome pertencente ao Estado e sita no município de Mamanguape.

Não se pode negar a benemerencia desse acto do estadista insigne que superiormente dirige os nossos destinos, e, nem me eu posso furlar a promessa que ha mezes, voluntariamente deixei na imprensa local, de tratar na perca medida das minhas forças intellectuaes, de assumptos que se relacionassem com a educação e ensino.

Na theoria do dolo assenta a imputabilidade criminal do menor que delinque. Crime, delicto o nosso legislador: é a violação imputavel e culposa da lei penal." Entretanto, os arts. 24, 27, 32, 35 doCodigo, retiram a possibilidade do delinquente. Em se tratando de menores dispõe o art. 27.—Não são criminosos:

1.—os menores de 9 annos completos.

2.—Os maiores de 9 annos e menores de 14, que obrarem sem discernimento.

Vê-se pelo próprio texto da lei que os menores escapam a penalidade quando delinquentes de nove annos completos, e, maiores desse numero e menores de 14, quando obrarem sem discernimento.

Andou com logica e razão o legislador. A criança não tem ainda o character formado, é um producto do meio em que vive, deste recebendo influências diversas, sem ter assentado ainda os seus pendores, inclinando-se sempre para a maior attracção; assemelha-se á ave que ao sahir do ninho ensaia o primeiro voo e, se bem succedida, galga as frondes, os sinos, senão, desce e cae no charco. Quando os paes não as educam convenientemente e nem as guiam pelo trabalho, caminho seguro da vida, degeneram e quando menos dão para vagabundos. E, ha tantas creanças desamparadas! Uma que não conheceram paes, outras que se os têm, é como se não os tivessem.

Para remediar tão feio mal, a Parahyba orgulha-se de poder contar com a Escola de Pindobal, pela execução da lei acima, assim concebida:

Art. 1º—Fica o governo autorizado a construir um prédio para a installação de uma Es-

cola de Preservação e de Reforma, destinada para menores abandonados e delinquentes.

Art. 2º—A Escola compor-se-á de duas divisões, uma masculina e outra feminina, ambas sub-dividir-se-ão em secções de abandonados e delinquentes; os menores serão divididos em turmas, conforme o motivo do recolhimento, sua idade, observadas as disposições dos decretos ns. 16.272, de 20 de dezembro de 1923 e 16.388, de 27 de fevereiro de 1924.

Art. 3º—A Escola de Preservação é destinada a dar noções de educação physica e moral, profissional aos menores, que a ella forem recolhidas, por ordem do juiz competente.

§ unico—Não serão recolhidos a este departamento da Escola de menores com a idade inferior de 7 annos nem excedentes a 18.

Art. 4º—A Escola de Reforma, que se subordinará á Escola de Preservação e lhe fica annexa, destina-se a regenerar pelo trabalho, educação e instrucção, os menores de mais de 14 annos e menos de 18 que forem julgados pelo juiz de menores, e por este mandados internar.

Art. 5º—Aos menores serão ministrados exercicios de leitura, escripta e contas, lições de cousas e desenho.

§ 1º—Haverá na Escola, para menores do sexo masculino, aprendizes de sapataria, marcenaria, serralheria e outros.

§ 2º—Os menores praticarão a cultura de hortaliça e pequenos outros trabalhos de agricultura, a juizo da direcção da Escola.

Art. 6º—A's menores serão ensinados os seguintes officios: lavagem de roupas, engomagem, cosinha, manufactura de chapéus, jardinagem, horticultura, pomicultura e criação de aves e abelhas.

Art. 7º—Para a manutenção da Escola, poderá o governo entrar em accordo com as prefeituras da capital e do interior, que contribuirão com importancia computavel ás suas possibilidades orçamentarias, destinadas áquelle fim, ao mesmo tempo que deligenciará junto ao governo federal para o conseguimento de uma subvenção.

Art. 8º—O pessoal administrativo será composto de um director, um professor-escriptorio, uma professora que ensine, simultaneamente, primeiras letras e trabalhos manuaes, dois guardas, uma inspectora-enfermeira e um porteiro.

É único.—Será director pessoa idonea a cargo do sr. Presidente do Estado.

Art. 9º.—O governo baixará o respectivo regulamento, para fiel execução desta lei.

Art. 10º.—Revogam-se as disposições em contrario.

Não se diga agora que Cajazeiras não precisa de uma destas escolas. Precisa e muito. Superabundam pelas suas ruas grande numero de crianças pobres, sem um roteiro a seguir, maltrapilhos e famintos, frequentando de preferencia as casas de diversões, os cafés, estabelecendo lugares duvidosos e mais tarde viciados completamente.

São forças desaproveitadas, energias perdidas se os poderes competentes não as amparam, não as protegem por meio do ensino profissional, desalphabetisando-as obrigatoriamente.

Vimos que os menores de nove annos completos escapam á penalidade e isto é logico e significativo. A criança não tem noção de responsabilidade, suas faculdades ainda mal desenvolvidas lhe deixam a salvo da imputabilidade criminal. Alem disso o carcere seria para ella um lugar de maior corrupção, ao invés de corrigi-la, o que não se dá com o maior que se tem o seu espirito formado, cuja indole já muitas vezes o torna pernicioso ao seu semelhante e urge afastal-o da sociedade para sempre. Tomemos para exemplo Antonio Silvino. Quem já pensou na sua regeneração, de bandoleiro que foi passar a um cidadão morigerado de costumes?

Dahi a conclusão de que o carcere em taes casos é mais uma preservação da sociedade do que a reabilitação de um individuo. Se este, de caracter formado habituou-se á pratica do crime, com predominantes morbidas, já perdeu a intuição do dever, a noção do trabalho, e, só por excepção, poderá voltar a ser util á sociedade.

Mas, não nos afastemos da objectividade, porque nos dá o exemplo o sr. Presidente do Estado nessa obra humanitaria e patriótica que criou a Escola de Pindobal. Diziamos atraz que Cajazeiras tinha necessidade de um desses estabelecimentos e que havia crianças desoccupadas, de cujo futuro ninguem cuidava e, se ia alli uma parcella de vitalidade na grandeza da Patria.

Saberemos agora se existem delinquentes dessa idade. Tivemos um caso sui generis ess'outro dia alli na Rodagem. Duas senhorinhas ~~desabituadas~~ depois de espancarem barbaicamente a pobre velha Josepha Cururú, quasi que a esganetam por lhes devolver esta os epithetos deshonrosos que lhe atiraram aquelles labios virgíneos.

Aberto o inquerito declararam ser menores de 9 annos e menores de 14. Seria preciso, então, um exame medico-legal para se chegar ao conhecimento de que haviam obrado com discernimento. E, ainda no caso affirmativo, qual Código de Menores deve ser in-

terveniente n'um estabelecimento disciplinario e nunca detidas em um carcere.

Um publicista citando o professor Borel diz que a infracção commetida pelo menor não é um delicto, não é o acto de um delinquente a punir; é a manifestação de um máo pendor a reformar, de uma fraqueza a reerguer, de uma ignorancia moral a esclarecer, de um'alma, de um caracter, enfim, a formar para o bem. Os menores não devem soffrer punição pelos crimes que commetterem porque culpados não são elles e sim a sociedade que os priva dos meios de educação e do amparo a que elles têm direito, e os deixa em abandono, á mercê da negligencia, da ignorancia e dos maus exemplos dos paes. Tão sabia orientação assenta na idéa mesma da defesa social, que é o fim precípua do direito repressivo.

Realizemos, pois, esse desideratum e verá a burguezia utilitarista que isso não representa apenas locubrações inopportunas de um estheta, senão verdadeira obra de sociologia, a que não faltará com o seu apoio o magazine orientador da opinião catholica feminina de Cajazeiras, vindo em abono de uma representante do bello sexo, a dra. Beatriz Sophia, a qual, na formosura de sua arte assim se expressa commentando o Código de Menores:

"Salvae a criança e não haverá mais um homem a corrigir."

Cajazeiras, 8—1—930.

J. B.

A BIBLIA

«Bíblia! só Bíblia!» o pregador exclama no meio do sermão com voz potente.
«A Bíblia, meus irmãos! Ella somente ha de guiar vos com divina chamma.

Não vos deixeis cair na velha trama dos romancistas. E' matreira gente que vos impinge tradição que mente.
A Bíblia! a Bíblia só!» de novo brama.

E eis a raça fanatica e ignorante que de Bíblia na mão a Bíblia prega
Cada um a seu modo, a seu talante.

E a quem os olhos abre inda mais cega, forçando a Bíblia de tal maneira
que attribue a Jesus a propria asneira.

DO LUTADOR

HA venenos terriveis que não perdoam sua victima, e que mesmo quando combatidos a tempo, deixam em seu organismo germens de implacavel destruição.

O mau livro, pornographico, ou simplesmente innocente, possui igual grau de controsidade sobre a alma do homem, e elle corrumpo, destrui, envenena o coração mais puro, a natureza mais nobre, a digna.

Notas Elegantes

ANIVERSARIOS—Fizeram annos:

Dia 1—mãe, Josephina Hollanda, esposa do sr. Antonio Hollander, professora normalista e nossa correspondente em Conceição; e a honra distincção conferindo sr. Alpio Benedito, commerciante em Recife.

Dia 2—o dr. Francisco Carneiro, fagocitando em novo meio; as senhorinhas Rita Maria Oscar, da sociedade de Fortaleza e Rosalinda Coelho nossa digna companheira; e ainda Emilia e Balthazar Meirelles, da sociedade de Luiz Gomes.



Manoel Constantino Vieira, muy digno vigário em Caxité do Rocha, cujo anniversario passou a 13 do corrente.

Dia 4—o interessante petiz Raphael Marcondes.

Dia 6—o cel. Joaquim Mendes Braga; e sua esposa, esposa do sr. Manoel Luso, em Fátima, da S. Pedro do Cariry, Ceará.

Dia 7—a senhorinha Edith Leitão, da A. S. C. F.

Dia 10—a pequena Lorinha, filha de sr. Joazeiro Meira e d. Francisca Meira.

Dia 11—o sr. Alvaro Marques, da firma J. Marques & Filho; a senhorinha Editha Coelho, socia da A. S. C. F.

Dia 12—a senhorinha professora Maria Julia de Souza.

Dia 16—a senhorinha professora Honorina Tavares, nossa Companheira.

Dia 18—d. Sinhasinha Mattos, esposa do cel. J. Mattos.

Dia 24—o enlace matrimonial do sr. J. B. Vianna com a sra. Nilce Vianna.

Dia 27—a senhorinha Aracy Leite, da sociedade de Conceição, e o intelligente menino Bonifacio Coelho.

Dia 30—o casamento do sr. Thomé Mendes com a sra. Rosinha Tavares Mendes, esforçada secretaria da A. S. C. F.

Dia 31—a mimosa Dorinha, filha do sr. José Simphronio e d. Rita Coelho.

NOIVADOS



O sr. Thomé Tavares, que noivou com a senhorinha Hermelinda Vieira no dia 1 do corrente. FLOR DE LIZ envia aos distintos noivos effusivos parabens.

São noivos o sr. Fenelon Lima e a senhorinha Lectice Nunes, socia da A. S. C. F. FLOR DE LIZ envia, embora tardamente, sinceras felicitações.

De Bonito tiveram a gentileza de nos participar o seu noivado o sr. Antonio Pereira e a senhorinha Toinha Palitot.

Aos distintos noivos auguramos muitas falcidades.

Contractaram casamento em dias do mez passado o sr. Walmiro Nogueira e a senhorinha Tarquinia Albuquerque. Nossos parabens.

NASCIMENTO

Esta dia parabens o lar do sr. José Pires e d. Linda Pires, nossa distincta companheira, com o nascimento de uma mimosa creancinha.

Serenata

PARA MINHA IRMÃ "ALMA FLORA", NO DIA
DE SEU ANIVÉRSARIO, TODO O MEU AFFECTO

A noite calma e sciencadora, de uma belleza sem igual, corria em meio.

O firmamento ostentava scintillações argenteas e se assemelhava a um manto ceruleo que se estendia placidamente sobre a cidade adormecida. O céu era realmente um vapor ethereo de saphiras e diamantes.

Scintillavam as lucidas estrellas enquanto a rainha formosa, deslisava-se magestosa por entre aquellas, exalçando mais e mais o seu encanto.

O luar parecia falar ao meu coração contorcendo-lhe as maguas, numa linguagem doce e suave como a caricia de um beijo.

Luar! unico confidente dos sonhos, estatica fico ante a tua sublimidade e quizera poder entoar trovas de amor ao meu passado.

Não sei se sonho, mas quer me parecer que no sussurro da brisa que levemente passa ouço notas melodiosas entoadas, talvez, por Verdi ou Beethoven.

E quem melhor do que a musica saberá em noites como esta, penetrar discretamente em nosso intimo, e ouvir os seus queixumes, enxugando-lhe o pranto?

Ah! não me havia enganado, ouço bem claro sons que se aproximam, tão melodiosos como o murmuro de um regato e mais suave que um acorde da harpa de um seraphim.

Segue-se um silencio por alguns instantes... Ter-me ia enganado?

Não; ouço vozes, depois percebo bem distinctamente sons de um violão, plangentes, os de uma flauta, languidos e os de um violino, saudosos... E logo após uma voz se fez ouvir:

"Nas dobras silentes
Do véo do tempo
O meu passado já se esvae
Já decae
E dores plangentes,
Sonhos contemplo
Como chimeras a fugir
Ideaes a dormir"

Ah! e tudo nos parece triste, tristissimo quando evocamos a lembrança de um passado feliz que se transcorreu tão subtil como a brisa, que nos acaricia ligeiramente. A vida para uns é um lago sereno e para outros um mar tempestuoso.

Emmeanto é a esperanza o unico bem que resta aquelles que não possuem nenhum outro, mas nem sempre elle enche o vacuo que se abre em nosso coração e vemos nos torçedoi a recorrer ás illusões para suavizar-nos as dores amarguras da vida.

"Quem, dizes phantasias, chimeras mortaes, chamamos quem viver pôde sem acalento um sonho?" Que seria de nós se na justa an-

na da vida, vereda estreita e ingreme, fosse apenas semeada pelos espinhos da saudade e desillusão!

E a voz continuou:

O' doces sonhos lindos,
De minha tenra idade
Meus sonhos infidels
Minha mocidade."

Sonhos, doces sonhos de meus quinze annos!... Sonhos de outrora architectado sob a fulva areia do mar a soluçar em noites de luar; ideaes que jazem eternamente victimas não só do furor insano de suas ondas, mas do punhal cruel que os feriu.

Tem bem razãoquelle que diz que todos os nossos prazeres veem dos nossos prazeres. E não queremos crer que o prazer nos vem sempre em sonho e a dor em realidade. As illusões tambem nos falam em goso, felicidade, alegria, entretanto, quando passam, deixam nos entregues ás maguas.

E a mesma voz psalmodia:

"Esse passado
De tão grata recordação
Adormentado
Repousa em meu coração.
Eram tão bellos
E meigos a sorrir
Os mortaes castellos
De um feliz viver!"

"Recordar é viver"!... Quantas vezes a lembrança do passado nos fortifica a alma e enxuga as lagrimas do coração.

A vida é um arrendilhado de recordações fagueiras e saudades que vegetam em nosso coração, maltratando e confortando.

"Recordar é viver", mas, é viver de sonho em sonho, de illusão em illusão.

E de que nos serve sonhar e virmos depois a despertar para enfrentar a vida tal qual ella o é na sua realidade!

Seria multiplicar os soffrimentos de um coração para depois entregar o á melancholia sem um lenitivo para sua magua.

Verdade é que a nossa imaginação nunca engrandece aquillo que possuímos e sim o que idealizamos. A serenata se afasta; não ouço mais os sons nem a tão maviosa voz que por instantes me fizeram sonhar.

E só enovelano silencio sepulchral que me resta conjecturar para as almas dotadas de grande sensibilidade as illusões desfeitas são um dos maiores soffrimentos.

ANIMA VIRGINEA

O ROSARIO

(CONTINUAÇÃO — VII)

ROMANCE DE FLORENCE I BARCLAY

TRADUÇÃO DE MARIA EUGENIA CELSO

O doutor Mackenzie abriu a porta, deixando Jane passar sem ruído. Seguiu-a, fazendo-lhe signal que descesse.

Na bibliotheca Jane, sem força, deixou-se cahir numa cadeira; depois voltou-se para elle, olhando o de fito. O clinico inclinou-se deante d'ella; seus olhos azues sob as sobranceiras emmaralhadas estavam humidos.

—Minha filha, disse bondosamente, sou um velho imbecil. E' preciso perdoar-me. Não pensei que ia sujeital-a a semelhante provação. Compreendo perfeitamente que enquanto elle hesitava a senhora sentisse toda a sua carreira em jogo. Vejo que chorou; mas não tome tão a peito assim que nosso doente lhe tenha confundido a voz com a da tal miss Champion e se agitasse por isto. Não pensará mais nisto daqui a trez dias, e a senhora lhe será mais util que todas as pessoas agradáveis deste mundo. Elle já quer levantar-se e explicar-lhe os quadros que fez. Não se assuste. A senhora ha de conseguir maravilhas, e poderei annunciar ao doutor Deryck seu pleno successo junto ao doente. Agora, urge que eu veja Simpson, para lhe dar instrucções detalhadas. Voltarei d'aqui a algumas horas para ver como vão as cousas. Não quero retela.

—Doutor Mackenzie, accudiu Jane, posso perguntar-lhe porque disse que eu era loura e de cabellos crespos?

O doutor Rob já pousára o dedo no botão da campainha, mas á esta pergunta parou, cruzando ao claro olhar de Jane os seus olhos azues cheios de finura.

—Certamente que pôde miss Gray, embora me surpreenda, achar o a senhora necessario. E' claro que, por motivos todo d'elle, o doutor Deryck quiz fazer da senhora ao doente um retrato imaginario, e eu achei mais prudente conformar-me com as indicações. E agora, se me dá licença... e o doutor tocou com força o tympano.

—E porque lhe offereceu tambem certificar-se da veracidade d'esse retrato? Era correr grande risco.

—Porque tinha a certeza de tratar com um cavalheiro, declarou o doutor Rob impetuosamente. Entre Simpson, e feche a porta, louvando a Deus por ter-nos feito homens e não mulheres!

—Do quanto de bom mais tarde Jane viu abstar-se a doente.

—Depois dessa razão, pensou ella, é um conselho, que poderei ajudar nos.

Si tivesse Jane podido ouvir as reflexões que o doutor Rob ia fazendo, certamente se teria pasmado. Elle costumava falar alto e só-sinho enquanto ia de um doente a outro.

—Ora esta! resmungava elle fustigando o cavallo; quem me dirá porque cargas d'agua essa Jane Champion nos cahiu aqui do céu?... Diabos me levem se o advinho! — continuou —mas nada de pragas, meu velho, lembra-te que tiveste mãe devota...

JANE FAZ PROGRESSOS

Carta de Jane Champion ao doutor Deryck Brand.

Castillo de Gleneesh.

"Meu caro Deryck, telegrammas e postaes não o informaram por enquanto senão da minha chegada. Estando, porem, aqui ha quinze dias, acho que é tempo de mandar-lhe um relatório. Lembre-se, todavia, da lamentavel correspondente que sempre fui. D'esta vez gostaria de ter uma boa penna, pois acabo de atravessar uma crise que bem poucas mulheres poderão tido occasião de afrontar. A enfermeira Rosemary Gray está se sahindo menos mal do doente e lhe inspira uma confiança que satisfaz o seu orgulho profissional.

Quanto á pobre Jane, teve de contentar-se com a noticia de que é a ultima das pessoas de quem elle deseja a presença. Quando o nome d'ella foi mencionado como o de uma possivel visita ao doente exclamou um "não!" de tal repugnancia que a pobre Jane sentiu o coração cheio de espinhos. Jane está pois levando disciplina! Ah! caro doutor tão perspicaz, você não se havia enganado no seu prognostico. Elle disse que a minha compaixão seria o fardo mais intolavel para sua cruz já tão pesada! Como fazer-lhe comprehender que é d'ella mesma que pobre Jane tem compaixão? Você não se espantará, pois, se eu lhe disser que neste regimen a dita Jane tem emmagrecido e perdido as côres, apertar dos peliscos com os quaes Margery a gratifica. Oh meu velho camarada! meu coração está com um carne viva e receio até o contacto de sua mão tão leve. Mas onde ficara eu?... Ah! falo da sua emmagrecimento e cansaço em compensação, parece que a jovem Rosemary continua florescente, bonita e com os cabellos mais vaporosos do que nunca. Devo confes-

sar-lhe que no tocante ao physico da enfermeira tive de pôr o pessoal domestico do castello na confidencia incidentes criticos davam-se a todo instante. Na bibliotheca, por exemplo, a primeira vez que la estivemos juntos, Garth mandou Simpson dar um tamborete a miss Gray; Simpson abria já a bocca para responder que miss Gray era bastante alta para attingir as estantes superiores, mas a sua correção de laço de grande casa salvou a situação. Respondeu um "sim, senhor" respeitoso, lançando-me entretanto um olhar estupefacto. Si Margery estivesse presente, era a catastrophe, pois nada lhe teria podido deter a lingua. Por isso, nessa mesma noite, depois de accommodado o patrão, convoquei Simpson e Margery á sala de jantar dizendo-lhes que por motivos do tratamento uma descripção exacta do meu physico fôra ao doente. Julgava-me baixa, magra, loura e muito bonita. Era pois importante não lhe causar nenhuma perplexidade, desenganando-o por enquanto. A expressão de polida attenção de Simpson não sofreu alteração, mas a velha Margery passou por uma serie de expressões, diversas que se crystallisaram numa de acquiescencia. Commentou em seguida:

—Fizeram bem! Porque mestre Garth, coitadinho, desde pequeno sempre fez questão de belleza. Eu lhe disse mais de uma vez: "Você se occupa demais do exterior da faça, sem se preocupar com o que está dentro". Por isto, miss Gray, a senhora tem razão; é melhor continuar a enganar o

E como Simpson tossisse atraz da mão para advertir-lhe do que estava dizendo, acrescentou com ar de sympathia: "Pois, bem que um rosto vulgar possa ser embelezado por uma expressão de bondade, a gente não pode explicar expressão aos cegos". De maneiras, Deryck que o julgamento desta fina velha que conheceu Garth toda a vida estaria de accordo com a resolução tomada ha trez annos!... Mas continuemos o relatorio. A voz, como você previra, quasi comprometteu tudo. Teve um choque tal que, não obstante parecer satisfeito com as explicações que lhe havíamos preparado, julgando-me fóra do quarto declarou ao doutor Mackenzie que minha voz o enlouqueceria fatalmente, sendo pois preciso mandar-me logo embora. O doutor soube convencer o e eu continuei no meu posto. Garth não fez mais allusão a este respeito. Somente, por vezes, surprehendo-o a escutar-me.

Em vista disso, enquanto a pobre Jane permanecia arredada, a enfermeira Rosemary tem horas ineffaveis. O doente volta para ella, descança nella de tudo, fala-lhe, procura porem-lhe o pensamento. Descobre-lhe os seus; é uma mestra rara e seductora; e uma delicia a vida com ella. Chegou agota ao ponto capital da minha carta e, embora mulher, não o meo para o postscriptum. Deryck, mas a mim, poderá de vez em breve a me falar? Não tenho mais forças para suportar este estado longo e situação sem ser amado. E eu sou tão satisfeito com uma visita sua, que

lhe mostrasse os progressos já feitos.. E você poderia dizer uma palavrinha em favor de Jane, saber pelo menos o que elle pensa d'ella. Oh! meu amigo, si pudesse consagrar-me quarenta e oito horas!... Um pouco de ar das dunas lhe seria salutar... e depois, alimento um projecto que depende em grande parte de sua vinda. Venha pois. Preciso de você.

JANE"

Do doutor Deryck Brand á enfermeira Rosemary Gray, Castello de Gleneesh.

"Minha querida Jane. Irei certamente. Partirei sexta-feira e posso passar todo o sabbado e parte do domingo em Gleneesh; mas preciso estar de volta na segunda-feira. Faço o possível; mas não posso infelizmente a vara de Moysés. Tenho confiança, no entanto. Tenho-mos fé em Deus, que só elle pôde fazer sair o bem do mal. Estou satisfeito que a enfermeira tenha provado tanta competencia, e espero não me achar a braços com alguma nova complicação.

Suppondo que nosso doente se apaixone pela gentil Rosemary, que sorte reservariamos neste caso a Jane? Conviem evitar a todo transe esta catastrophe. Estou brincando, porque ali estarei breve a seu dispor. Do muito seu

DERICK BRAND"

Do doutor Deryck Brand ao doutor Roberto Mackenzie.

"Meu caro Collega.

Acha o collega util que eu faça uma visita ao nosso doente em Gleneesh e que dê minha opinião acerca do seu actual estado? Ser-me-ia possível ir lá pelo fim do semana. Espe o que está já satisfeito com a enfermeira que lhe mandei.

Seu afeiçoado

DERICK BRAND."

Do doutor Mackenzie ao dr. Brand

"O doente recebe da pessoa tão competente que o collega mandou o melhor trato possível. Nem o senhor nem eu lhe somos mais necessarios. Creio, entretanto, muito opportuna uma visita sua á enfermeira, que emmagrece a vista d'olhos e inexplicavelmente. Secreto pezar, fóra da preocupação de responsabilidade, evidentemente a consome. Talvez tenha ella confiança no collega. O facto é que não se resolve a me testemunhar nenhuma. Muito seu creio e obrigado

ROBERTO MACKENZIE."

DE RÓD. MOMENTOS PARA A SECRETARIA

A enfermeira Rosemary se achava com o doente na bibliotheca ensolada de Gleneesh,

entre elas, numa mesinha portátil, se empilham, uma sobre a outra, do correio da manhã. Garth, vestido de flanela branca, gravata clara e uma flor na botafleira, recostava-se na sua poltrona, gozando com uma acuidade toda nova o perfume das flores e o calor dos raios solares.

A enfermeira terminou a leitura de uma carta pessoal e, dobrando-a guardou-a no bolso com verdadeira satisfação: Deryck ia chegar.

— Sua carta é de um homem, não é, miss Gray? perguntou Garth de repente.

— Perfeitamente; mas como o sabe?

— Porque só havia uma folha, e carta de mulher sobre assumptos de importancia, nunca deixa de ter muitas. E esta carta tratava de assumpto importante.

— Ainda uma vez bem adivinhado, respondeu a enfermeira sorrindo; e ainda uma vez, como o sabe?

— Porque a senhora soltou um suspirozinho de satisfação no começo da leitura e outro no fim, quando recollocou a carta no envelope.

Rosemary Gray poz a rir.

— O senhor está fazendo progressos taes, senhor Dalmain, que em breve não poderemos mais ter segredos. Minha cara era de...

— Oh! não diga, protestou Garth, eu não mencionava ser indiscreto a respeito da sua correspondência, miss Gray, mas gosto tanto de lhe fazer constatar meus progressos e adivinhar o que não me dizem...

— Mas eu ia dizer-lhe. A carta é do doutor Deryck, que entre outras cousas annuncia que estará aqui no sabbado.

— Ah! tanto melhor... que mudança vai encontrar! E que prazer terei eu em agradecer-lhe a paciente ledora, secretaria, enfermeira e conselheira que me deu. Mas, accrescentou num tom que denotava subita apprehensão, elle não vem para levá-la?

— Não, ainda não. E justamente, senhor Dalmain, ia perguntar-lhe se poderia dispensar-me durante quarenta e oito horas? A visita do doutor Brand seria excellente occasião de me ausentar, ao que me parece. Deixe-o lá sem susto, bebendo-o em boa companhia. Si me autorisa a sair no fim da proxima semana, estarei de volta segunda-feira cedo, a tempo de ler o correio da manhã. O doutor Brand poderá ler-lhe o de sabbado— não o ha no domingo— e substitue-me de todos os modos.

— Muito bem, acquiesceu Garth, esforçando-se por esconder a sua decepção; eu teria gostado que conversássemos os trez. Mas acho melhor que queira um feriado. Pretende ir longe?

— Não, tenho amigos perto. E, agora, quer ler as suas cartas?

— Não, disse Garth estendendo a mão; um momento por favor: ha um jornal entre as cartas, e quero vê-lo antes da hora de impressão. Não, não quero o jornal de me o resto.

A enfermeira poz o jornal de lado e apanhou as cartas de sorte que Garth pudesse

ler-las sem a mão. Elle tomou-as, manuseando-as attentamente uma a uma.

— Não são poucas declarou sorrindo, passando os dedos sobre os sellos. De subito parou, tinha em mão uma carta escripta em papel estrangeiro e lacrada. Segurou-a um momento, parado, sem dizer nada, apalpando em seguida o lacre que a sellava. A enfermeira observava-o ansiosamente. Elle, porém, não fez nenhuma reflexão; deixou cair a carta e tomou a seguinte. Mas quando depositou a pilha em cima da mesa teve o cuidado de deixar a carta lacrada em baixo de todas, afim de que viesse por ultimo. Rosemary tomou a primeira, leu a indicação do lugar de onde vinha, descreveu a letra. Garth tentava adivinhar o expedidor, jubilando quando acertava. Naquella manhã havia nove cartas. A mão da enfermeira Rosemary tremia quando pegou a oitava.

— Essa carta, senhor Dalmain, traz um sello do Egypto, annunciou, tomando a ultima e o carimbo do correio do Cairo. Está sellada com lacre vermelho, sinete de um elmo empennachado com a viseira abaixada.

— E a letra? perguntou Garth numa voz muito calma.

— A letra é clara, firme, bem lançada, sem floreios; foi escripta com penna de ponta quadrada.

— Faça-me o obsequio de abril a e dizer-me a assignatura antes de lê-la.

A enfermeira lutava contra a emoção que lhe contrahia a garganta, parecendo-lhe que a voz não ia sair. Abriu a carta devagar e olhou a assignatura.

— A carta está assignada Jane Champion, senhor Dalmain.

— Tenha a bondade de ler, ordenou Garth, atraz da mão que lhe velava o rosto inclinado.

E a enfermeira começou:

“Caro Dal, que posso dizer-lhe neste papel? Si estivesse a seu lado teria muita coisa a contar-lhe; mas escrever para mim é difficil, quasi impossivel. Sei que a provação é mais dura para você do que para qualquer um de nós, mas tenho a certeza de que você ha de ser mais corajoso que todos nós e ha de vencê-la, continuando a achar bella a vida e fazer a achar assim a muitos outros. Eu não sabia apreciar a antes d’aquelle verão passado em Overdene e em Shenstone, onde você me ensinou a perceber-lhe a belleza. Desde então, ao espectáculo de cada pôr do sol, de cada raiar de manhã sobre as aguas azul-verdes do Atlantico, deante da purpura das montanhas, das catadupas do Niagara, dos desertos dorados do Egypto, pensei em você e por sua causa comprehendí melhor. Oh! Dal! quereria ir contar-lhe estas maravilhas e fazer que você as visse atravez de meus olhos, que, graças a você, passaram a comprehender melhor a magnificencia. Disseram-me que você não recebe visitas; mas não pode acaso fazer uma excepção para mim? Estava na Grande Pyramide quando soube, no terraço, depois do jantar, a claridade do luar evocava em mim um mun-

do de lembranças. Acabava de se decidir a regressar à Inglaterra e, uma vez chegada, escrever-lhe pedindo-lhe que me fosse ver. Nesse instante exatíssimo o general Loraine sobreveio com um jornal inglês e uma carta de Myra e eu soube de tudo...

Teria você vindo me ver, Garth? Mas hoje, meu amigo, desde que não pôde vir a mim, deixe-me ir a você? Se me mandar dizer simplesmente "Venha", irei de qualquer parte do mundo em que possa estar. Não se importe com a proveniência desta carta, eu não estarei mais no Egypto quando a receber. Escreva para a casa de minha tia, em Londres. Deixe-me ir, Dal e creia que eu compreendo seu sofrimento. Mas Deus ha de ajudal-o. Creia-me também mais sua do que o posso exprimir.

JANE CHAMPION

Garth descobriu o rosto endurecido de resolução.

—Se não está fatigada, miss Gray, gostaria de dictar-lhe já a resposta a esta carta, enquanto a tenho bem presente ao espirito. Tem ahí papel? Póde começar?

"Cara miss Champion, commoveu-me profundamente sua carta cheia de sympathia. Só a sua bondade a levaria a escrever-me assim de tão longe, em meio a scenas tão feitas para afastar seu pensamento dos seus amigos da Inglaterra."

Uma longa pausa; a enfermeira de penna na mão pedia a Deus que não fosse ouvido do outro lado da mesinha o bater descompassado do seu coração.

—Estimo que a senhora não tenha renunciado á viagem do Nilo... e..."

Uma abelha zumbiu de encontro a vidraça... "naturalmente se me tivesse chamado eu teria ido". Silêncio completo durante alguns minutos; depois a voz de Garth recomeçou a dictar:

—"A senhora é demasiado bondosa, insistindo para me ver, mas..." A enfermeira deixou cair a caneta;

—Oh! senhor Dalmain, deixe-a vir, coitada!

O rapaz voltou para ella o rosto estupefacto:

—Não desejo que venha — declarou num tom resolutivo.

—Mas reflecta que é penoso desejar ardentemente vir a um amigo que padece e se mantém a distancia!

—E' unicamente por bondade que miss Champion me offereceu foi uma camarada, uma boa amiga dos tempos passados; affligida por-me não no estado em que me acho.

—Não é o que ella diz, retrucou a enfermeira com acentuação; ahí como não leu o senhor nas escripturas? Será preciso um coração de pedra para comprehender uma carta de mulher? Talvez eu tenha lido mal! Quer que a releia?

Uma expressão de verdadeira contrariedade passou pelo semblante de Garth. Falou com acentuação dura. As sobrancelhas

framidas e a expressão facial.

—A senhora lê muito bem a carta, mas não deve esquecer a. Quero ter a liberdade de dictar cartas á minha secretária sem ser forçado a explicá-las.

—Peço-lhe desculpas, senhor, respondeu a enfermeira; enhorbitel realmente de minhas attribuições, mas esta senhora é a que me disseram ter a voz parecida com a minha e então.

Garth estendeu a mão atravez a mesa, deixando-a assim um momento, mas nenhuma outra mão lhe respondeu ao gesto.

—Não pensemos mais nisto, disse ella com o seu encantador sorriso; o meu excellentemente mentorzinho póde aconselhar-me sobre varios assumptos, porém não sobre este. Agora, acabemos. Onde ficáramos? Ah... "insistindo para me ver". A senhora escreveu "demasiado bondosa"?

—Demasiado bondosa, repetiu a enfermeira Rosemary, com voz abafada.

—Continuemos: Mas por enquanto não recebo ninguém e não desejo ter visitas quando me tiver tornado senhor do meu novo estado, para que não transpareça demais. Tencio no passar todo o verão em Gleneesh na mais completa solidão, habituando-me pouco a pouco ás exigencias d'esta nova vida. Tenho a certeza de que meus amigos respeitarão a minha decisão. Tenho a meu lado uma pessoa de capacidade e paciência taes... Não! espere, exclamou Garth subitamente, não ponha isto; ella póderia interpretar mal... Já começou a escrever esta phrase? Não? Qual é a ultima palavra? "Decisão". Muito bem. Um ponto depois da decisão. Bom. Agora, deixe-me reflectir.

Deixou cahir a cabeça nas mãos e ficou absorvido nos seus pensamentos. A enfermeira esperava: na mão direita a penna levantada, a esquerda apoiada no coração, contemplava com inexprimivel ternura a morena cabeça do doente. Por fim Garth endireitou-se e concluiu: "Sinceramente seu, Garth Dalmain".

Sem protestar, a enfermeira Rosemary trouxe estas palavras no papel.

O DOUTOR ROB PRESTA REFORÇO

O silencio um tanto penoso que se estabelecera depois de fechada a carta foi rompido pela voz jovial do doutor Rob.

—Qual é o doente hoje? O senhor ou a senhora? Ah! nem um nem outro, pelo que vejo. Ambos têm um ar tão próspero que infundam ao medico. Temos a primavera lá fora, mas o estio cá dentro, continuou o doutor Rob, embora se perguntasse a si proprio porque estavam tão pallidos aquelles dois rostos e porque se respirava na atmosphera uma sensação de soffrimento.

Estão vendo, miss Gray, que a senhora abandonou o uniforme de lá cinzento, regressando ao de linho azul, mais bonito sem duvida, porém capaz de resfriá-la. E preciso não esquecer de comer bem. Neste clima a gente precisa alimentar copiosamente e a mim me parece que a senhora está perdendo o peso

no algum tempo. Ora, não vá ficar completamente impalpável!

—Porque até sempre o senhor com miss Gray a respeito do seu tamanhinho? perguntou Garth em tom de censura. Ser baixa não é positivamente um defeito!

—Posso bulir então a respeito da altura d'ella se o senhor o preferir, replicou o doutor Rob, lançando um olhar malicioso á alta silhueta da enfermeira, muito teza e como pregada deante da janella.

—Preferiria que não se fizesse nenhum commentario sobre seu physico, declarou Garth seccamente, accrescentando depois com mais brandura: o senhor comprehende, doutor, para mim ella é apenas a voz que guia. A principio esforçava-me por mentalmente emprestar uma apparencia a esta voz; prefiro agora beneficiar-me do que conheço e deixar no vago o que ignoro. Salvo aquelle Johnson pertencente a um pesadelo a meio esquecido, ella é a unica pessoa nova que me tenha falado desde que cheguei. A unica voz á qual não posso dar nem rosto nem corpo. Com os annos haverá muitas assim. Por enquanto, é a unica.

Os olhos do doutor Rob, que durante esta explicação não tinham cessado de espiar em derredor, pareceram immobilizar-se de chofre sobre um objecto, digno de attento exame. Acabava de avistar a carta proveniente do Egypto, em cima da mesa.

—Ah! exclamou, as Pyramides; o sello do Egypto é interessante. Tem amigos por lá, senhor Dalmajn?

—A carta chegou-me do Cairo, respondeu Garth, mas actualmente creio que miss Champion está na Syria.

O doutor forceu o bigode, absorvendo-se na contemplação da carta.

—Champion? repetiu. Champion? E' um nome pouco vulgar; sua correspondente seria por acaso a grande Jane, como a chamavam?

—Justamente, confirmou Garth surpreso; conhece-a por ventura? e a sua voz vibrava estranhamente.

—Muito, retorquiu o doutor em tom deliberado; conheço-a e conheço-lhe principalmente o character. Vi a prova de fogo o que a mór parte de seus amigos não podem dizer. Mas ha uma coisa d'ella que eu ainda não conhecia. é a letra. Posso examinal-a?

Volta-se para a janella o audacioso homenzinho, dirigindo a pergunta á enfermeira Rosemary, mas não viu d'ella senão as costas: miss Gray estudava a paisagem. Elle viu-se então para Garth, que naturalmente já dava um signal de assentimento e em cuja physionomia manifestava o desejo de ouvir mais alguma coisa sobre tal assumpto. O doutor Macdonald tomou o envelope.

—Sim, disse ella depois de um curto exame silencioso: a letra se parece com ella: clara, firme, decidida, sabendo o que quer dizer e não onde quer. Ah! meu rapaz, que nobre mulher tem por amiga!

Os lábios rosados fingiram as faces amareladas de Garth. Na sua treva fora abscido pelo desejo de ouvir falar d'ella, sem poder esperar. Ah! se tivesse suspeiado que aquelle velho Robla a conhecesse. Quanto tempo perdido — Usara de infinitas precauções para interrogar Brand, temendo revelar o seu segredo e o de Jane. Mas com o doutor Rob e a enfermeira não eram necessarias tantas manobras. Podia guardar o seu segredo e, entretanto ouvir os falar.

—Onde a encontrou? perguntou logo para não deixar cahir a conversa.

—Dir-lhe-hei onde e como se o senhor não tem medo de ouvir uma historia de guerra. Garth não queria outra coisa e disse pressuroso:

—Mas o senhor está sentado? E miss Gray não quer uma cadeira?

—Não estou sentado, nem me sento nunca quando quero dar livre curso á minha eloquencia. Miss Rosemary, absorta pela vista, está na janella e não presta attenção nenhuma ao que dizemos. Uma mulher, aliás, interessa-se raramente pelo que se possa contar de outra mulher. Mas accenda o seu cigarro e refestele-se na sua poltrona aperfeiçoada. A primeira vez que vi Jane Champion foi na Africa, durante a guerra dos boers. Eu lá estava como cirurgião e ella como enfermeira voluntaria, mas não enfermeira amadora. Tratava de veras dos feridos. Trabalhava como dez e exigia que todos trabalhassem da mesma maneira. Médicos e enfermeiras adoravam-na. Sabia tão bem falar o pobre "Tommy" ferido!... Achava palavras de mãe para consolar os, não imagina!

Garth deixou cahir o cigarro a meio consumido, cobrindo o rosto com a mão. O doutor apanhou o cigarro, esfregando com o pé o tapete chamuscado, olhando de soslaio para a janella: a enfermeira voltara-se de olhos inquietos fixos em Garth.

—Encontrei-a, então, frequentemente, embora não estivessemos na mesma secção, proseguiu o doutor; falou-me mais de uma vez. Uma occasião em que viera buscar chloroformio na ambulancia dei volta á sala e vi miss Champion de joelhos junto a um homem que ia morrer. Falava-lhe de mansinho, quando de repente houve um estrepito formidavel e a miss Jane e o ferido se viram cobertos de poeira e de estilhaços: um obuz boer cahira no telhado da ambulancia. O homem gemia de medo, coitado, e era desculpavel: agonizava. A grande Jane não perdeu o sangue frio:

—"Deite-se, meu amigo e fique quieto. — "Aqui, não!" soluçava o desgraçado. — "Pois socegue que vamos tirar-o daqui". Voltou-se e, avistando-me, ordenou: "Aqui, sargento! Ajude-me a carregar este rapaz, não quero que elle se assuste neste momento". Foi só o que disse acerca do obuz que a podia ter matado. Metteu as mãos debaixo dos hombros do ferido, que eu peguei pelos joelhos, e carregamos o ambos fóra da sala em ruinas até um quarto no fundo do corredor contendo uma cama



"FLOR DE LIZ" n. 3

O QUE CONTÉM NO TEXTO:

Um Carnaval Original—
C. DE VALFLEUR.

Rainha dos caixeiros de
Cajazeiras—D. FILGUEIRA.

Um Pacifico—PE. CARLOS
COELHO.

O lar do Terceiro—FRAN-
CISCO DE LINS.

O homem e a religião—A.F.

Annunciação

O banho de serenidade—
CLOTILDES COELHO

Historia de um coração—
ELORA POSSÓLO

Notas Elegantes

A Cigarra e a Formiga—
OLEGARIO MARIANO

Como as mulheres traba-
lham na Allemânia

Um principe cruel

O amor definido pela mu-
lher

Os mandamentos do ma-
trimonio

O meu cavallinho—AMA-
DEU CALVETE

O Raposo (romance)

Variedades



—As moças tombaram em si e depois Lydia dirigiu-se a elle e pediu que lhe levasse as compias para a rua que era a de João e o preço. Este pediu uma quantia modesta e Lydia logo respondeu: «Dê-lhe mais, isto é pouco».

Assim foram comprando pão, leite, carne e tudo o que julgavam ser necessario para uma familia.

Emquanto isto João empurrando o carrinho, no seu interior agradecia a Nossa Senhora o ter lhe attendido tão depressa a oração.

Sylvia dizia a irmã: Estou tão contente de o termos ainda encontrado. Quantos pobres não haverá por este mundo afóra nas mesmas condições! Já nem tenho mais animo de pensar no carnaval, pois sempre teria de me lembrar que estou gozando, gastando o superfluo, emquanto outros nem têm pão».

Lydia ia responder, quando João parou o carrinho e tirando o chapéu pediu licença para dar um pulo lá nos fundos, onde marava a familia.

Sim, disse Lydia, mas leve o carrinho, e si nos dá licença, iremos comsigo. Pois não, disse elle.

Ao chegarem á porta do quarto, ouviram o choro de Verinha e João precipitou-se para o interior.

Sophia jazia inerte no chão e Verinha estava abraçada com ella, chorado e chamando pela mamã.

Um quadro tão triste as duas moças nunca haviam imaginado.

Por um momento, ficaram inertes. Foi só um momento. Emquanto Lydia tomava a pequenina em seus braços, Sylvia ajudou erguer a esposa, que estava só desmaiada.

Este chorava como uma criança. Sylvia procurou consolal-o.

«Não é nada, disse ella, está só desmaiado. Lydia vá buscar o vinho que compramos.» Esta, sempre com a menina no collo, correu e trouxe não só o vinho mas tambem o pão. pois Verinha lhe dissera que tinha fome. O vinho teimou Sophia, com grande esforço de João. Sylvia tirou da bolsa dinheiro que deu a João dizendo: «O que está no carrinho é para os seus, e lá, Póssolo Senho-

ra quem nos mandou atrás de si, porque recorreu a ella. Amanhã se der licença, voltaremos. Talvez papai tenha trabalho.

E antes que os esposos estupefactos, pudessem dizer alguma coisa, retiraram-se.

IV

Lydia, enquanto passava o longo corredor para alcançar a rua, limpou as lagrimas. Si ella só tinha 16 annos... Sylvia disse, tens razão; tambem eu em lugar de atirar serpentinas e confetti, hei de me lembrar, sempre dos pobres, que não têm pão. Que dizes? queriamos um carnaval original.

C. DE VALFLEUR



Rainha dos caixeiros de de Cajazeiras

Melle. MARIA TAVARES

(Para «Flor de Liz»)

Ella veio de lá e nos visitou num gesto de nobreza e fidelidade.

E admirei-a.

Gostei do feito dos caixeiros elevando-a á soberania de «rainha», ella que é toda modestia, intelligencia e gederosidade e, que possui na própria alma um reino de belleza e de bondade.

Todos os requintes de finura, todo o «charme» de sua silhueta onde se confundem a graça e a elegancia, toda a expressão de seu olhar onde fulgura o brilho das estrellas, tudo isso, de parceria ainda com a sua polidez de trato, eu vi occultar-se, por uma doce magia,—e surgir a mulher Parahybana,—a mulher intelligencia e sentimento,—heroica, abnegada, como todas as «grandes» filhas da «pequenina» Philipéa.

Quando ella passa, a illumina, com o suggestivo do seu sorriso terno, ostentando na fronte a corôa da juventude, eu acho-a simplesmente bella, pois que na sublime accepção de Kant «bello, é tudo quanto agrada desinteressadamente».

E admirei a, rainha da palavra e do pensamento.

DJANIRA FILGUEIRA

Craio—Ceará,

Religião é para mulheres, diz-se. O homem, pelos seus múltiplos instintos e variados ramos de actividade, não pode ser religioso. Não penso assim. O contrario impõe-se: o homem deve ser religioso. E a religião um censor implacável das más acções. O homem, sem temor de Deus, não respeita seus semelhantes, não observa as leis, não teme a Justiça. Dahi o numero incomputavel de desgraças que nos advem.

Particularisemos: Na vida forense o falso testemunho é tão trivial hoje, que já faz oahir em descredito esse especie de prova. A justificação testemunhal é considerada risivel, graciosa. Não merece fê. Porque? Simplesmente por terem abolida o juramento religioso, sobre o Evangelho.

Alli, eram tão raras as mentiras, quanto são communs nas taes promessas pela honra. A honra tao facilmente iludivel e consolavel exonera o individuo de falar a verdade. O homem tem medo de mentir em nome de Deus. Mas, dir-me-hão, religião é coisa velha, incompativel com a

O homem e a religião

ciencia e quem sabe ler não pode orar em Deus, em alma e menos em Inferno!

Será a religião inconsiliavel com a sciencia? Respondam Newton, Pasteur, Ruy, Miguel Couto

Haverá Deus? Apontemos o Universo. A materia inerte dos monistas não produziria o movimento. Não se dá o que não se tem. Precisa-se do Motor immovel dos antigos.

Temos alma? Indagai da vida. A cellula isolada não vive. Demais componham os materialistas em seus laboratorios as cellulas e formem organismos.

Desafio-os a darem-lhes movimento e vida.

Existirá inferno? Vede Voltaire pedindo confissão á hora da morte; Guerra Junqueiro entrando para um convento e innumerous ateus e maçons beijando contrictos a imagem de Christo á hora inappellavel das contas eternas. Os humbraes da eternidade apavoram.

A virtude sem Deus é precaria e vacillante

Inquiri dos falsarios, dos estellionatarios, dos assassinos quando se confessaram. Não creio em confissão, diz um: religião é meio de vida de Padres, responde outro; deixemos a confissão para as mulheres que são psychologamente fracas e impressio-naveis, sentenciará o ultimo.

Sim, convenho que a religião deve ser para as mulheres. Os incredulos errando, acertam.

Mães de familia, tendes um proficuo e meritorio encargo: Formai o coração de vossas filhas na religião romana de Christo. Tereis inimilaveis mães de familia e a consequencia será esta: os homens que sahirem desses lares serão forçosamente religiosos e bons. Não ha filho mau si é boa a mãe.

No mais crede pouco no homem, atheu e menos nas mulheres que proclamam emphaticamente: 'Graças a Deus sou athea, não tolero sermões de Padres, fujo delles.

CAJAZEIRAS, 27-3-930
A. F.

Na hora em que os sons dos sinos dizem o que só as almas comprehendem e o sol vae se deluindo na apothese do occaso uma virgem de candura mais pura do que açucena curva-se genuflexa no seu quarto de orações.

Nesta contemplação tão profunda, quando o coração encontra um oceano de doçura e uma consolação tão serena que excede a todos os prazeres da terra aproxima-se-lhe mysteriosamente um mancebo de vestes mais brancas do que a neve, de porte esbelto de uma phisionomia suave e com o som argentino de sua voz, numa canção cheia de melodia saudá-la: «Ave, ó cheia de graça o senhor é convosco: bem-dita sois vós entre todas as mulheres». Este lovem era o anjo Gabriel o mensageiro celestial que havia sido escolhido para annunciar a Maria que elle havia de ser mãe do Messias prometido o que a havia sido

Annunciação.

predito pelos prophetas. E como o anjo vira que a humilde virgem se perturbou com esta nova, disse:

«Não temas Maria: Achaste graça deante de Deus». Quando ella acabou de ouvir a mensagem do celestial enviado respondeu como a mais submissa das servas do senhor:

«Eis a serva de Deus: faça-se em mim segundo a vossa palavra». Nesse instante tão cheio de felicidades foi cumprido o mysterio sublime da encarnação tendo elle elevado o far humano ao mais alto gráo de perfeição. E é a Santissima Virgem que deve ser tomada por modelo para as senhoras christãs cumprirem fielmente com os deveres de seus lares. A igreja celebra a memoria desse mysterio no dia 25 de Março, festa universal da Annunciação de Nossa Senhora.

E' pois, este dia para aquelles que veneram a S. V. de tantas e esplendores, pois foi nelle que tivera o annuncio de ser mãe do filho de Deus. Só não sentirão alegria e não com partilharão destes esplendores e das graças que a V. S. derramará sobre nós neste dia, aquelles que vivem extraviados pelo peccado. Oh! vós que deixastes este redil sagrado—a religião—e andaes ás cegas pelo mundo, vinde reverentemente prestar homenagem a S. V. neste dia em que tendes liberdade de pedir forças para vencerdes todas e todos obstaculos que se oppuzerem a vossa vida. E' que sóis verdadeiros cegos, e só poderdes curar esta cegueira se lupros aos que sentem prazeres espirituaes, louvades a S. V. como ella merece e como deve ser louvada.

Louvemos e honremos a S. V. em todos os lugares e em todos os momentos.

Em 28-3-930.

MARIANO

A cigarra e a Formiga

OLEARIO

Dona Formiga, nesta residência
Rustica e solitaria,
E das
Como tres vezes millonaria
Possuidora de esplendida riqueza
Que levou a luntar durante toda vida.

Acostumou-se desde creança á luta,
Ao sol de fogo e á ventania brava.
Vivia a trabalhar heroica e resoluta
Armazenando tudo o que ganhava.

Hoje está bem, mas é geralmente malquista.
Faltam-lhe uns poucos sentimentos nobres.
E' em demasia egoista
E odeia as raparigas que são pobres.

Dona cigarra, por exemplo, alheia.
A tudo, vive como pode; á toa.
Canta os dias a fio...
Tem a garganta quasi sempre cheia
E quasi sempre o estomago vazio.
Entretanto, coitada! é humilde e boa.

Chega a passar misérias, mas que importa?
Só quer que a sua vida não se acabe.
Anda de porta em porta...
Si não trabalha, é só porque não sabe.

Entregou-se de vez á vida airada e quando
Se lhe fala em riqueza,
Ella responde, trefega, cantando
Que o seu grande thesouro é a Natureza.

Ora, um dia... (Chegara o inverno) a pobre
Foi ter á casa verde da vizinha
E appellou humilhada,
Para o seu grande sentimento nobre:
—Mata-me a fome cruel que me espesinha,
Quero pão e mais nada.

Mas a ironica amiga,
Impassivel, britannica, solenne,
Falou, assim:
—Sou a mesma Formiga
De que falava o velho La Fontaine.
Nada esperes de mim.

—Tu que fizeste na estação ardente
Quando me extenuava, estrada fóra?
—Eu cantava—respondeu-lhe a innocente.
—Ah! Cantavas?—pois canta e dança agora!

Deus que ouvia, entretanto,
Sentenciou da alta abobada vasia:
Canta, Cigarra, canta que o teu canto
Será teu pão de cada dia.

Essa Linda Bizarra
Que o tempo não consome,
Vem aos poetas provar
Que a cigarra
Nunca mais morreu de fome.
Morre agora, é de cantar.

Como as mulheres iraba- ham na Allemanha

Lotte Garnich, intellectual al-
lema, de nomeada, acaba de
proferir interessantissima con-
ferencia sobre o trabalho mini-
mo no seu paz.

Segundo afirma, cerca de
onze e meio milhões de mulhe-
res allemãs provém a propria
sustencia, pelo seu trabalho,
isso em virtude da crise eco-
nomica e da dificuldade sem-
pre maior de conseguir matri-
monio.

Cerca de cinco milhões de
trabalhadoras dedicam-se á a-
gricoltura.

Um milhão e trezentos e quin-
ze mil ao commercio.

Cento e cincoenta mil mane-
jam nos rudes misteres das fa-
bricas de fundição de ferro e
aço. A educação votam se cen-
to e dezenove mil.

Um príncipe cruel

D. Carlos, filho de Felipe II
de Hespanha—o heroe da ope-
ra de Schiller—commetteu em
vida, muitas crueldades que a
Historia registrou, attribuindo-
as ao seu caracter violento.
Entre essas crueldades, uma
ha—apontada pelo historiador
Luis Cabrera de Cordoba na
sua «Historia de Felipe II»—
que merece registro especial.
Como o sapateiro regio fizesse,
para o príncipe, umas botas
que, por estarem apertadas, o
incomodavam um pouco, o
filho de Felipe II mandou cor-
tar as botas em bocadinhos e
obrigou o sapateiro comer es-
ses bocadinhos cozidos.

Chisto

—Este jornal conta a historia
de uma mulher que era amada
pelo marido e que este sempre
lhe dá um presente.

—E este, que estou lendo?
Conta que um marido, apesar
de querer bem a mulher, nunca
leve dinheiro para lhe dar pre-
sentes.

e algumas photographias na parede. — "Aqui, sargento", e nós deixamos o homem na cama. — "De quem é este quarto?" perguntel. A pergunta parecia surpreendel-a; vendo porém que se tratava de um estranho, respondeu cortezmente: "É meu". e notando que o ferido seria mais de cama, quando eu pensar em deitar-me". Está ahí a mulher. Foi allás esta a minha conversação com miss Champion. Pouco depois, voltava eu á Inglaterra.

Garth levantou a cabeça:

— E tornou: encontrá-a?

— Sim, disse o doutor Rob; ella no entanto, não me reconheceu nem por sombras. Nem o podia mesmo: na Africa eu andava barbaudo, pois faltava-me o tempo para barbear-me e meu uniforme me fazia passar por militar em vez de cirurgião. A gente naturalmente não podia esperar reencontrar um camarada de ambulancia em... Piccadilly, concluiu o doutor, engulindo em secco. E agora, meu rapaz, que já o massei bastante, vou fallar a Margery na sala de jantar. Ella anda assustada porque, segundo me disse, não digere bem as gorduras. Com sua licença, portanto, vou deixar Margery.

— Ainda não, doutor, — atalhou a voz co-moção da enfermeira tenho uma palavra a dizer-lhe; vou comsigo até a sala de jantar. Enquanto examinar Margery, botarei o chapéu e até o senhor Dalmain quizer ficar só durante uma hora, acompanhel o-hei um bocadinho.

Jane entrou na sala de jantar com o doutor MacKenzie.

— Então, vou levar um grande pito? — perguntou elle defendo sobre ella o olhar insinuante.

A moça adeantou-se de mãos estendidas:

— Ah! sargento, exclamou, caro e fiel sargento, está vendo o que é a gente usar a roupa civil? Todo o meu tormento vem de ter tomado o nome de outra mulher! Então o senhor me reconheceu immediatamente?

— Assim que entrou, declarou o doutor.

— Porque não o disse?

— Porque que devia ter serios motivos para ver a enfermeira Rosemary Gray, e não para que me metter nos seus negocios.

— Oh! como foi bom, discreto! Quando me lembro da maneira pela qual me disse: "Então, ter tãa viagem, enfermeira Gray?" quando podia tão bem ter me dito: "Bom dia, miss Champion, o que a traz aqui com um nome supposto?"

— Teria podido, com effeito; mas graças a Deus não disse!

— Então, continuou Jane, porque trahir se agora?

O doutor Rob pousou a mão no braço de Jane.

— Minha filha, eu sou um velho já e em toda a minha vida não fiz outra coisa senão esconder o que não me dizem. A senhora acaba de soffrer uma difficil provação, não só no que diz respeito a ella mas a todos nós. Sabe

que para dar-lhe forças de supportal-a, seria dentro em pouco necessario ver compartilhado o seu segredo. E hoje, pela physionomia dos dois, quando entrei, vi que era chegado o tempo. A senhora tem em mim um amigo que, como todos os que a viram na Africa, poriam de bom grado a mão no fogo para servir a.

Jane fitou-o com olhos cheios de gratidão, demasiado commovida para falar. O doutorzinho proseguiu:

— Diga-me só, minha filha, qual a razão que os separa?

— Ah! doutor, respondeu Jane num suspiro, foi uma historia de desconfiança e mal entendido de minha parte. Agora, enquanto o senhor examina Margery, vou me preparar para sahir e tentarei contar-lhe em caminho o que separou nossas vidas. Seus conselhos talvez me ajudem e sua sciencia do coração humano descobrirá talvez uma solução á tristeza do meu caso.

Como Jane atravessava o vestibulo e se dispunha a subir a escada, olhou para es lados da porta fechada da bibliotheca! Um susto a deteve: como teria supportado Garth a historia do doutor Rob? Só ella podia advinhar a força de certas evocações e sentia que não podia sahir sem certificar-se de que elle ia bem. Abriu a porta da entrada, contornou a casa até o terraço e approximou-se da janella aberta da bibliotheca, pisando sem bulha o canfeiro gramado. Nunca o espreitara, sabendo que elle odiava e temia a idéa de uma intrusão invisivel. Mas agora... só uma vez!... Jane espiou: Garth, sempre sentado na cadeira, cruzava os braços sobre a meza, enterrando nelles o rosto. Soluçava como ella ouvira ás vezes soluçar os soldados após uma atroz operação supportada em silencio. E ao meio de suas lagrimas murmurava: "Minha mulher! Minha mulher!"

Jane fugiu desvairada. Secreta intuição lhe dizia que descobrir-se a elle nesse momento seria perder tudo. A voz de Deryck parecia repetir-lhe ao ouvido: "Cuidado! si você faz questão da sua felicidade e da d'elle..." Depois o prazo era curto. Com certeza na calma que succederia a essa tempestade, a necessidade de revel-a seria mais forte que tudo. A carta ainda não expedida seria novamente escripta e elle diria—"Venha!" e um instante depois estaria ella nos braços d'elle.

Sem ruido Jane afastou-se. Quando, uma hora depois, voltou do seu passeio com o doutor Rob, o peito cheio de feliz antecipação, encontrou Garth de pé, encostado á janella, escutando os rumores diferentes que elle já principiava a distinguir. Quando voltou a cabeça, ao escutar-lhe o passo, pareceu-lhe impossivel que os bellos olhos brilhantes não estivessem mais ali.

— Então, esteve agradável o passeio no bosque? Simpson me levará até lá depois do chá; por enquanto, miss Gray, se não está cansada, acabaremos a nossa tarefa, sim?

(CONTINUA)

Caminhos de ferro de alem-campa

Linhas do paraizo e do inferno em combinação com as da morte e do Juizo

Indicações para os passageiros de ambas as linhas

LINHA DO PARAIZO

Saída dos comboios... a todas as horas.
Chegada... Quando Deus quizer.

PREÇO DOS BILHETES

- 1ª classe... Innocencia e sacrificio voluntario.
- 2ª classe... Penitencia e confiança em Deus.
- 3ª classe... Arrependimento e resignação.

ADVERTENCIAS

- 1º—Não se dão bilhetes de ida e volta.
- 2º—Não ha comboios chamados de recreio.
- 3º—Crianças menores de sete annos vão gratis, comtanto que vão nos braços de sua mãe a Igreja.
- 4º—Os agentes e empregados da Empresa não terão abatimento de preço, mas receberão um augmento de ordenado em proporção de seus servicos.
- 5º—Aos passageiros não se permite mais bagagem que as suas boas obras, aliás expõem-se a perder a compostura, ou a serem delidos mais ou menos tempo antes de chegarem ao termo da viagem.
- 6º—Recebem-se passageiros em toda a linha, de qualquer procedencia, comtanto que tragam os passaportes em regra e em papel de marca romana.
- 7º—O despacho central de bilhetes está aberto a todas as horas no tribunal da Penitencia. Os que não poderem proseguir a viagem por terem perdido o bilhete poderão renovar-o no sobredito despacho.

LINHA DO INFERNO

Saída do comboio... A' vontade do passageiro
Chegada... Quando menos o pensar.

PREÇO DOS BILHETES

- 1ª classe — Impiedade
- 2ª classe — Sensualismo
- 3ª classe — Indifferentismo

ADVERTENCIAS

- 1º—Toda a moeda em circulação com o sello do peccado serve, e sem desconto, para o pagamento destes bilhetes.
- 2º—Todos os comboios desta linha se chamam de recreio.
- 3º—Crianças menores de sete annos não circulam por esta linha.
- 4º—Os agentes ou empregados da companhia irão em 1ª classe, por ajudarem a empresa em seus respectivos officios.
- 5º—Os passageiros levarão quanta bagagem quizerem, mas deverão deixar tudo, menos a alma, na estação da Morte.
- 6º—Dá-se transferencia d'esta linha para a do Paraizo, referendando-se o bilhete perante um Sacerdote, antes de o combolo entroncar com o da morte.
Este combolo da morte nem varia nem volta nunca.
- 7º—Não longe da estação da Morte encontrarão os passageiros a do Juizo, e d'aqui seguirá cada qual, segundo a distribuição feita pelo Juiz Supremo, a linha que conduz a seu destino eterno e irrevogavel.



PHOTOGRAPHIA "MODELO"

J. Magalhães.

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRA-
ZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PUBLICO DES-
TA CIDADE, OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS,
GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRA-
BALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTEZA,
CUIDADO E ASSÍDUA, PARA O QUE DISPÕE DE LONGA
PRÁTICA.

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERA-
VEIS POR PROCESSOS MODERNÍSSIMOS.
PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS
TAMANHOS.

PREÇOS CONVIDATIVOS.



D. Maria bustosa

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA
DA
ACÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA



MADAME FRANCISQUINHA BANDEIRA DANTAS

ANNO IV
FEBREIRO DE 1930

NUMERO 2
CAJAZEIRAS—TARAVIRA



MARCA REGISTRADA

"FLOR DE LIZ" n. 2

O QUE CONTÉM NO TEXTO:

Passava por "Velha" —
PIERRE L'ERMITTE

Visita presidencial

Mercado das humilhações

Notas elegantes

Como ser feliz—SEVERINA
CASTRO ALVES

A educação da mulher na
Alemanha

Modernismo — MARIA DAS
DORES

Curiosidades

O que dizem de nós

Pela ordem

O papel da mãe como e-
ducadora

Uma saadosa memoria —
ROSINHA MENDES TAVARES

Mulheres e flores

Educación physica — ODI-
OTA BRANCO

O Rosário (romântico)

Variedades

"Breve... vamos bem!"
Josette apanhou logo depois
uma constipação que quasi lhe
causou prazer, porque precipi-
tou a perda dos famosos kilos,
que ella tinha a mais—ao que
parecia.

O velho carteiro, o pae, as-
sistia impotente, essa destrui-
ção:

—Não estás doente?...
—Não!
—Não comes mais?
—Não tenho fome. Agora já
não se sente fome!
—Quasi que não te cobres...
—Hoje ninguem mais se co-
bre!
—Mesmo no inverno?
—Nunca tenho frio!
—Todos os animaes possuem
entretanto a sua pellica quente
no inverno...
—Mas... eu não sou um ani-
mal!
—Tosses?...
—Ora!... uma côcega na gar-
ganta!

Aconteceu afinal o que devia
acontecer... abatendo a nature-
za semprê aquelles que vão
contra as suas leis essenciaes.

Certa manhã, Josette foi obri-
gada a ficar deitada. Veiu o me-
dico e sahio abanando a ca-
beça

—Que achou?... pergunta lhe
a porteira curiosa.

—Está com agua no perito-
neo...

—O que significa isso?...

—Tuberculose intestinal. E
os pulmões não vão melhor.

—Então?

—Está perdida!...

Como a porteira erguesse as
mãos num gesto de pavor, o
medico accrescentou:

—Perdida como muitas ou-
tras! Ficam aterradas com a fe-
bre typhoide... No entanto,
quantas victimas têm feito os
saltos altos e os sapatinhos le-
ves a mergulharem na lama...
as meias de seda em pleno in-
verno... as roupas de casca de
cebolla com que se esperam
os campos nas ruas humidas,
varridas pelas correntes de ar!...

—E os paes que só vivem
para ella!...

—Pae?... Mãi?... O passado
de amargura?... O futuro?...
Nada disso se leva em conta!
Oh!... a moda!... Como é rubra

e pesada a responsabilidade
daquelles que a lançam nas
classes populares!...

E o doutor partiu, abotoando
cuidadosamente a pellica do so-
bretudo, antes de chegar á por-
ta da rua.

Enterraram-n'a outro dia, a
Josette.

As companheiras mandaram-
lhe uma corôa... Era isso bem
pouco... depois de a terem lê-
vado á morte.

Os paes acompanhavam n'a,
desoladissimos. Estavam tão
longe de esperar semelhante e
tão tragico desenlace...

Porque, afinal, a sua Josette
era uma bella rapariga viçosa
e sadia, descendente de uma
geração robusta e forte.

CERTA vez Henri Rochefort,
que era o homem mais ca-
ridoso do mundo, recebeu a
visita de um cavalheiro, que
lhe falou mais ou menos nes-
tes termos:

—Senhor Rochefort, eu sei
que o senhor ganha muito di-
nheiro e possui um coração de
ouro. Por isso é que venho
procural-o para uma boa acção.
Há entre os seus conhecidos
uma pobre mulher que não co-
me ha varios dias, por falta de
recursos, e vai ser despejada
da casa onde mora, porque
não tem setenta e cinco fran-
cos para pagar o aluguel ven-
cido...

—Pobre infeliz!...—murmurou
Rochefort contristado, já le-
vando a mão ao bolso, em
busca da carteira.

—Sua miseria é muito gran-
de e sua dor é profundamente
chocante!...—accescentou o vi-
sitante.—Setenta e cinco francos
não valem nada para o senhor...
e para ella valem tudo... Salve-
a, senhor Rochefort!... Por que
ainda hesita, assim?...

—De-me o nome dessa des-
graçada e o seu endereço...—pe-
diu Rochefort, cujos olhos se a-
vermelhavam á proximidade das
lagrimas — Quero eu proprio
confortal-a...

—Não é preciso!...—replicou
o outro.—O senhor pôde entre-
gar-me o dinheiro. Está aqui o
recibo do aluguel da casa da in-
feliz... Eu sou o senhorio...

Passava por "Velha"...

(Tradução de N. A.)

PIERRE L'ERMITE

...OS MEMBROS DA ORDEM DEVEM EVITAR O LUXO
E TODA EXCESSIVA ELEGANCIA EM SEU EXTERIOR... — REGRA
DA ORDEM TERCEIRA.

Era uma bonita rapariga de 17 annos, viçosa, sadia, descendente de uma geração robusta e forte.

O pae era simplesmente chefe de carteiros.

Empregado consciencioso, sem uma nota de censura de seus superiores. Durante seis annos fôra "substituto". Depois passára para a secção de "impressos" e, durante dez annos consecutivos carregára pesados volumes para a distribuição. Finalmente, destinaram-n'o á correspondência.

Estimado pelos clientes, recebia gorjetas diariamente; e á noite, ao contá-las, dizia: "E' para o dote da minha Josette".

E' que adorava a filha, viçosa e sadia, descendente de uma geração robusta e forte.

A mãe tambem gostava d'ella, da sua Josette, mas de modo diverso.

Preparava-lhe de manhã a chavena de chocolate ondulado de creme. Tornava-lhe o lar appetitoso e revigorante.

A' noite, quando Josette voltava de seu "atelier", encontrava as ch'nellinhas bem quentes e a sopa a fumer na terrina de louça florida.

E assim, nunca se constipava nem tinha enxaquecas.. "Ah! que linda filha temos!" dizia de mãos postas, a feliz mãe..

Até mesmo, quando estavam sós, faziam os paes um projecto—um sonho. Procuravam já, entre as suas relações, composta de gente simples, um rapaz real e sério em cujas mãos pudessem depositar a sorte da filha.

Porque, afinal, ella havia de casar-se, a cara Josette.

Entre tantas outras raparigas pallidas e mirradas, empoadas e tosqueadas, dava ella a impressão de um pecegueiro em flor, fãõ viçosa e sadia, descendente que era de uma geração robusta e forte.

Mas um dia, como um nojento insecto pica uma bella fructa que amadurece ao sol, a inveja mordeu Josette com seus dentes de ferro.

As companheiras de trabalho sentiram-se na penumbra ao lado dessa linda flor humana, que se lhes não assemelhava, e começaram a trocar:

—Não se vestia á moda.. não estava "em dia"! A moda exige um chapéo enterrado numa cabeça tosquiada.. A moda requer principalmente tudo chato, o triumpho do angulo recto, e da taboa de amassar pão.

Ora, Josette era como a flor que desabrocha livremente. Parecia ignorar os "ukases" dessa alta costura de que era módesta empregada. Tornava-se assim uma heretica.. uma especie de desafio áquillo que diariamente se impunha alli ás doces clientes.. Passava por velha!

Velha!.. Josette!.. A bella e sadia creatura, descendente de uma geração robusta e forte!

Passava por velha.. Que bofetada em suas faces de pecego! Josette não podia mais dormir. Folheou os catalogos. Effectivamente só viam nelles

mulheres de pão e cõr de tijolillo.

Mirou-se ao espelho. Comparou... O seu pecegueiro em flor era evidentemente um anachronismo?..

Portanto, esse pecegueiro resolveu devastal-o e tornal-o um feixe de lenha. Recorreu á pintura, em substituição ao roseo natural. Cortou os lindos cabellos loiros..

Achavam n'a nutrida demais?... "Pois então, Moda!.. aqui estou prompta para emmagrecer!.."

A partir desse dia a desgraça entrou no lar.

De manhã, nem chocolate nem leite.. ainda menos, manteiga.. Apenas uma chavena de chá..

—Mas, minha pobre filha, dizia a mãe implorando!..

—Nada de "pobre filha".

E a voz de Josette fazia-se resoluta:

—Estou ridiculamente gorda!..

—Absolutamente!..

—Estou, sim!.. Dissera-m'o!..

—Invejosas!..

Ao meio-dia, longe das vistas maternas, deixou de comer. Uma chicara de chá com biscoitos, ás 4 horas. A noite, supprimia o que podia e, regressando mais tarde, dizia que já havia jantado.

O resultado foi rapido, principalmente nos ultimos mezes. Mirava-se ao espelho esperançosa.

Oh! como o pecegueiro perdera as bellas flores!.. As companheiras, ao reconhecerem-lhe o gesso, o "rouge" e o pescoço de guilhotina, exclamavam:

PHOTOGRAPHIA MODELO

J. Magalhães

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRA-
ZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PUBLICO DES-
TA CIDADE, OS SEUS SERVIÇOS PHOTOGRAPHICOS
GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRA-
BALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTIEZA,
CUIDADO E ASSEIO PARA O QUE DISPÕE DE LONGA

PRATICA

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERA-
VEIS POR PROCESSOS MODERNISSIMOS

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS

TAMANHOS

PERÇOS CONVIDATIVOS

Mercado das humilhações

De passagem por esta capital, ha alguns dias, monsenhor Francisco Mac-Dowell dirigiu-nos, de bordo do paquete "Pedro I", uma mensagem sobremodo expressiva de apoio e solidariedade á campanha do "O Nordeste", em favor da moralização dos costumes, a proposito dos concursos de belleza, attentatorios das nossas honrosas tradições christãs.

Esse brado tem tido uma repercussão notavel em todo o país, transcripta que vem sendo a carta daquelle illustre sacerdote na imprensa do norte e do sul, com referências encomiasticas á attitudo desassombrada do bravo homem de Deus.

E' que a missiva do monsenhor Mac-Dowell encerra uma advertencia opportuna, denunciando nos referidos certames de frivolidades o primeiro ensaio de assalto ás trincheiras de defesa da santidade de nossos lares.

Muito bem affirma o eminente orador sacro:—"O capitalismo apodrecido levantou, por seus jornaes e agencias telegraphicas, um arranha céu de mentiras para ludibriar o povo de nossa terra".

Classifica de crime pretender-se levar as senhorinhas patricias ao "mercado das humilhações".

A Patria, na expressão veraz de monsenhor Mac-Dowell, precisa de um unico reclamo:—as virtudes austeras e gloriosas da mulher brasileira!

O repudio a essa "feira do pudor" não constitue, em verdade, um caso singular, de que apenas se occupe a imprensa catholica, zelosa da dignidade da familia nacional.

Ainda recentemente, commentámos judicioso artigo do "Jornal do Recife" sobre esse malfadado assumpto, em que o insuspeito diário pernambucano qualifica o attitudão concurso de attentado ao decoro collectivo.

Vimos, igualmente, ainda ha pouco, que a joven inglesa escolhida para vir ao Brasil representar Albion nessa exposição indecorosa recusou altivamente o encargo, declarando taxativamente que, desde pequena, teve sempre outra preocupação:—a de não ser idiota nem se prestar a ser joguete de idiotas...

Pede a senhorinha, escolhida por um jury, em Londres, como expoente da belleza britannica, que a deixem em paz e tenham respeito a uma mulher que, acima de ser bella, se preza muito mais de ser honesta.

Que nobre lição de sensatez e de comprehensão exacta do valor insubstituivel da formosura da alma!

Até no Mexico, o diário "El Nacional" externa, de maneira vehemente, a sua reprobção a taes processos.

Estranha aquelle jornal que se pretenda emprestar razões de eugenia aos pleitos para escolha das celebres rainhas.

Declara, então, que se sabe muito bem, tanto naquelle país, como nos Estados Unidos, onde periodicamente se realizam essas explorações, que se trata de uma coisa que não é seria, "destinada a jovens mais ou menos bonitas e facéis, que aproveitam o triumpho da sua nudez, exposta como reclamo, para obter a notoriedade e posição que ambicionam".

Por tudo isso está claramente visto que monsenhor Mac-Dowell prestou um grande serviço á sociedade brasileira, clamando com o prestigio da sua cultura e da sua autoridade incontestaveis:—"Não vos deixeis embair! Guardae vossa familia e defendei vossos lares!"

Seja ouvida, dos palacios ás choupanas, a palavra corajosa e esclarecida do digno ministro da Igreja.

O que dizem de nós

Como "O Rio do Peixe" noticiou a posse da nova directoria da A. S. C. F.

A sympathica aggregração de senhoras e senhorinhas desta cidade, que constituem a Acção Social Catholica Feminina de Cafaseiras, reuniu-se terça-feira, 18 do vigente para dar posse a sua nova directoria.

O salão do predio da Confederação Catholica, abrigando o que ha de melhor da sociedade cafezeirense, foi o theatro de importante manifestação de vida daquela pujante associação.

Apresentou-se á tribuna a ex-mra. d. Odilia Leal, presidente, que fez o discurso relatorio do periodo social que expirava e terminou pedindo ao representante da autoridade diocesana declarasse empossada a

nova directoria.

Em seguida uzou da palavra o revmo. sr. Pe. M. Gomes, que produziu magistral conferencia sobre o papel social da mulher, fazendo vibrar o auditorio em ruidosas palmas.

O representante da autoridade diocesana, revmo. Pe. Gervasio Coêlho, que presidiu a sessão, para fazer o encerramento disse umas palavras de congratulação e de estímulo.

Nó curso de toda aquella festinha foi ouvida a Philharmonica S. José.

Daqui levamos nossos applausos aos membros da A. S. C. F., fazendo votos por seu florescimento.

O papel da mãe como educadora

Uma senhora estadunidense, mrs. Dorothy Confield Fisher, mãe de duas crianças, desejou encarregar-se conscienciosamente da tarefa sagrada de educar as e verificou, estupefacta, que lhe faltavam absolutamente as noções para isso indispensaveis. Bastante intelligente para fugir ás improvisações e aos expedientes, ella começou por concentrar a sua attenção em um exame duplo—o exame de seus filhos e o exame de si mesma.

Dahi resultou um trabalho em que ella expõe, de fórma agradável e bem humorada, as suas observações, as suas experiencias e enuncia as regras amplas e equitativas que podem guiar o educador moderno e ajudal-o a resolver os problemas communs na vida quotidiana.

Diz-se o educador moderno, porque as relações humanas vêm soffrendo grandes transformações exteriores e não só as relações entre pais e filhos já são hoje muito differentes de ha alguns annos atrás.

As soluções applicadas á educação infantil já não servem, por não estarem mais em harmonia com a sociedade contemporanea: Para educar o melhor possível as crianças, neste momento, é preciso buscar, entre as vaidades humanas e sociaes de todos os tempos, aquellas que se revelaram mais solidas, mais confortadoras e essas devem constituir principios basicos da familias.

PELA ORDEM

Estamos ás portas de uma grande luta. Melhor diremos: estamos envolvidos em uma grande luta, na maior quicá que já ostentou a Republica.

A successão presidencial é sem duvida um facto importantissimo, e dizem os entendidos, o interesse que a nação vae tomando na solução do grande problema, é prova de que já ha uma consciencia na nacionalidade.

Pena será si o desvario da paixão politica obscurecer a noção do momento.

Sem contempção, não seria mais dignos de um regimen de civilizados, se nos desinteressarmos da mais viva demonstração de amor ás conquistas republicanas.

Mas não nos esqueçamos de que sem o respeito ás instituições nunca teremos a sonhada grandeza de nosso Paiz.

Causa horror ouvir-se pregar a revolução como remedio para todos os males sociaes.

Não. Nunca. Em regra um mau governo ainda vale mais do que uma boa revolução.

Nós que não podemos correr ás urnas, que não podemos remediar por nós mesmas a crise, vamos buscar o grande remedio da oração. Deus pode tudo o que não podemos e elle ama com certeza o paiz em cujo céu traçou o symbolo da paixão de seu Filho. Deus ama o Brasil. Peçamos que nos livre do mal revolução.

Uma saudosa memória

A morte, como já disse alguém, "é a finalidade da vida". Como é triste e doloroso vermos succumbir no tumulo um ente que nos é tão querido, um ente que muitas vezes é o nosso idolo, o nosso enlevo, a nossa alegria!

Separarmo-nos daquelles que nos são caros, é sorver um calix de amarguras, é ferir, uma por uma, todas as fibras dos nossos corações, é commover todas as cellulas do nosso Eu.

E eu com a alma transida de dôr quero traduzir nestas linhas o sentimento da amizade que eu nutria por aquella mulher cujo nome pronuncio com o mais profundo respeito, com a mais terna admiração, cuja silhueta trago na téla de meu pensamento, recordando-me sempre dos seus ternos conselhos, os quaes ella derramava como os de mãe num coração de filha.

E esta é a minha boa sogra e tia, Honorina Mendes, que morreu, deixando um vacuo aberto no coração de todos os seus, vacuo que nunca será preenchido, porque elles sentirão sempre a falta de seus carinhos, e daquella desvelada amizade que para elles era um verdadeiro bem.

Desde creança fôra sempre muito terna e como filha era o exemplo da obediencia.

Fui testemunha do quanto se desvelava por seu velho pae nos ultimos instantes; e mesmo durante a sua vida recordava factos em que demonstrava entranhado affecto e tocante ternura pelos autores de seus dias.

Como esposa exerceu no seu lar uma tarefa nobilissima e extremamente sollicita com seu esposo, procurava satisfazer-o em tudo, partilhando com elle nos triumphos e nos infortúnios, suavizando a sua existencia com o carinho, velando pela sua saúde e tranquillidade de espirito.

E naquelle lar bemdito, dava ella o exemplo da moralidade perfeita formando desde cedo o caracter de seus filhos.

E na bella tarefa de mãe, foi ella uma verdadeira apostola do bem; cercava os filhos estremecidos de suas mais ternas caricias ensinando-lhes o caminho da honra, da virtude e da religião.

Quantas vezes numa contrariedade numa doença, consolava o meu querido esposo, suavizando-lhe o soffrimento com meiguice que o enternecia, com palavras que o enchiam de consolação.

E finalmente para todos de sua familia a sua vida foi um verdadeiro exemplo, todos a queriam, todos a amavam.

Deus, porem, nos seus sabios desígnios cortou o fio de sua existencia, deixando plantada a arvore da saudade que ha de criar raizes profundas e a sua grande copa ha de sombrear a alma triste de todos.

E eu como uma das noras que a estimava muito, que tinha por ella uma admiração toda particular deixo impresso nestas linhas o sello de minha sincera amizade.

Dorme, pois, mãe querida, o somno eterno, mas a tua memoria será sempre lembrada.

Sobre o teu tumulo, derramarei petalas de saudades regadas com as minhas lagrimas.

Aos revmos. padres Abdón Pereira e Manoel Gomes que prestaram os seus auxilios nos ultimos instantes de sua vida, a todos aquelles que tiveram a generosidade de acompanhar os seus restos mortaes até o Campo Santo, ainda uma vez a nossa expressão de verdadeiro agradecimento.

ROSINHA MENDES TAVARES

para o alluviar do fardo do reconhecimento.

—Obrigado, respondeu Garth sorrindo; ali via a contrição sem diminuir o reconhecimento. E agora, vá almoçar. E perdô-me Brand, mas... Garth hesitou um instante corando como uma criança.

—Estou desolado com a idéa de você comêr sozinho, desde que miss Gray está ausente. Aborreço-me, creia, mas... mas como sempre minhas refeições em particular. Simpson me serve.

Garth não pôde ver o olhar de commiserção do doutor mas o tom cheio de sympathy da voz deu-lhe coragem de acrescentar:

—Nem sequer pude ainda acceitar a presença de miss Gray. Comemos sempre separadamente. Você não imagina o que é procurar um pedaço de qualquer coisa no prato, receando que elle já não esteja passeiando na toalha!...

—Não posso imaginar replicou o doutor, e nenhum de nós o imagina sem ter feito essa dura experiencia; mas como é que Simpson o atanha menos do que miss Gray, que tem, profissionalmente, o habito d'essas cousas?

Garth enrubescceu de novo.

—Simpson, sabe, é quem me barbeia, me veste, passeia commigo e, embora seja sempre duro, é duma dureza á qual já me vou acostumando. A situação resume-se n'isto: Simpson representa os olhos de meu corpo, miss Gray os de meu espirito. Sabe que ella nunca me tocou, nem mesmo para um aperto de mão? Gosto d'isto pois ella não é para mim senão uma voz, uma voz maravilhosamente caridosa. Parece-me que não poderia mais viver sem ouvi-la.

Garth tocou o tympano, dando ordem a Simpson de levar o doutor Brand ao seu quarto e de servir-lhe o almoço. Deryck levantou-se, vestiu-se e almoçou com appetite. Estasiava-se justamente com o café da velha Margery, quando esta appareceu. Elle immediatamente lhe perguntou onde fazia aquelle delicioso café.

—Num pote de barro, respondeu a velha caseira. O senhor quereria ter a bondade de vir commigo, sem fazer bulha, quando acabar de almoçar? Sem bulha sobretudo? repetiu Margery precedendo o doutor.

Subiram devagarinho a escada e seguiram por um corredor bastante sombrio, recoberto de espesso tapete cujas paredes eram ornadas com velhas gravuras e feixes d'armas.

—Para onde me leva, Margery? indagou o doutor, adaptando o andar ao passinho curto da boa mulher.

—Vai sabel-o já, doutor, estamos chegando.

Na extremidade do corredor parou, bateu de leve numa porta e abriu-a cochichando mysteriosamente:

—E' aqui, doutor, miss Gray o espera; e immediato Brand num confortavel salãozinho em cuja lareira brilhava um bom fogo. Jane estava sentada numa poltrona de alto espadar, com os pés nas chas. O doutor só lhe viu a principio o alto da cabeça e a barra da saia corada.

—Oh! Deryck, disse sorrindo, é você? Entre e feche a porta! Estamos bem sós? Venha apertar-me a mão, sem o que vou procurar-o por ali...

Num relance o doutor se approximara e, de joelhos deante da cadeira, tomou as mãos que se lhe estendiam incertas:

—Oh! Jane! Jane! balbuciou com a voz travada de surpresa e de emoção.

Os olhos de Jane estavam cobertos por uma espessa venda, um lenço de seda grossa e preta, solidamente amarrado sobre as tranças fartas. Havia qualquer coisa de pathetico no espectáculo d'aquella mulher solitaria, nesse salãozinho illuminado, os olhos vendados á luz!...

—Antigo, respondeu a moça com um melgo sorriso, parti até o fim da semana para o paiz onde reina a treva. Oh, Deryck, era preciso que eu fizesse esta viagem. A unica maneira de ajudar efficaçmente meu pobre Garth era saber com precisão o que representa para elle o facto de ser cego e isto nos seus minimos detalhes. Eu não tenho muita imaginação e, como elle nunca se queixa, ignoro o que ha de mais penoso no seu estado. Só me restava um meio para descobri-lo: ficar cega como elle durante quarenta e oito horas. Margery e Simpson comprehenderam-no logo e me auxiliam no que podem. Simpson me garante o campo livre, se vou subir ou descer. Seria uma complicação indesejavel o encontro dos dois cegos! Margery me ajuda em tudo que não posso fazer sozinha e você não calcula quanta coisa, Deryck, quanta coisa... E depois esta horrivel escuridão, esta cortina preta sempre na frente da gente rigida qual um muro... insondavel como um abysmo onde parece que a gente vae ser tragada. E da escuridão sobem vozes. Se falam muito alto, batem feito martellos, e se são indistinctas, desnorream o entendimento. E o despertar de manhã na mesma escuridão envolvente da noite!... Só o experimentar uma vez, pois comecei a prova hontem, antes do jantar, mas já a estou temendo amanhã de manhã. Imagine o que deve ser ter sempre, sempre semelhante despertar sem nenhuma esperança de sol! E as refeições...

—O que! você conserva a venda durante as refeições? exclamou o doutor commovidissimo.

—Naturalmente, e você não faz idéa da humilhação de encontrar na toalha um pedaço que a gente julgava no prato! Não me admiro mais que meu pobre Garth recuse deixar-me assistir á suas refeições, mas depois de meu periodo de experiencia espero que constata, pois saberei vencer para elle as difficuldades. Oh! Deryck, tive de me decidir a empregar este meio, porque não havia outro.

—Sim, concordou o doutor, sopitando o enternecimento quo Jane não lhe podia ver na physiognomia, sendo o que você é, devia tentá-lo.

—Ah! como estou satisfeita que você lhe reconheça a necessidade. Receiava que a julgasse inutil e inutil. Era preciso que fosse agora

na minha, pois se elle me perdoar, fia de ser este o unico fim da semana que ficarei longe d'elle. Anna que me perdoará?

— Ah! minha pobre amiga, que lhe posso dizer? repetiu o doutor com emoção. Vá-me, explique-me bem a cousa: você não tira nem um instante este lenço?

— Só para lavar o rosto de manhã, respondeu Jane sorrindo, e fico de olhos fechados, o mais possível. Durante a noite esta venda aqueceu-me tanto a cabeça que a tirei alguns momentos para poder dormir; mas tornei a amarrar a antes de amanhecer.

— E conta conservá-la até amanhã cedo? Jane sorriu, advinhando o alcance da pergunta.

— Até amanhã á noite, Deryck, disse com doçura.

— Mas, Jane, protestou indignadamente o doutor, você tem de me ver antes que eu vá! Seria levar demasiado longe a experiencia.

— Não, retorquiu Jane, curvando-se para elle. Oh! Deryck, é-me tão penoso ouvir-o sem vê-lo! Creia que compreendo qual será sempre o mais rude dos sofrimentos d'elle!...

O doutor achegou-se á janella, assobiando para disfarçar a emoção. Jane percebeu que elle lutava contra a propria contrariedade; esperou pois, pacientemente, que cessasse de assobiar; dentro em pouco sentiu ouvir o rir baixinho e vir sentar-se a seu lado.

— Você sempre foi d'estas pessoas que vão até o fundo das cousas. As meas medidas não lhe convêm. Tenho, pois de concordar com o que planejou.

Jane procurou a mão do doutor.

— Amigo, disse ella sinto que me vai ajudar tambem, mas nunca o senti tão perto de ser egoista!

— Ha em todos nós dois homens, tornou o medico, e cada um d'elles é para nós temeroso de conhecido. Nós outros, machos, entendemos sempre occupar o primeiro lugar em relação ás mulheres que nos tocam de perto, e não só com aquellas que exclusivamente nos pertencem, mas ainda com as sobre as quaes pensamos ter direitos: filhas, irmãs, parentas e amigas. Assim o quer a natureza, que é preciso aprender a vencer. Agora deixe-me dar-lhe a sua capa. Costumo remexer sempre nas cousas de Flór, e sei bem como se deve fazer. Não? Não quer, alma de pouca fé?! Está bem, mandar-lhe ei Margery, então. Mas não se demore. Conversaremos mais livremente lá fóra e você talvez faça descobertas que poderão servir para guiar mais tarde o nosso amigo. Pense um pouco! Si você cahir na escada com ella, Jane! Uma pessoa que faz tão esplendido café!

PONTO DE VISTA MASCULINO

Pro funda tranquillidade reinava na bibliotheca onde Garth e Deryck fumavam em silencio, mergulhados na sensação de beatitude que se segue sempre a um bom jantar num dia passivo ao ar livre.

Pena era que Jane não pudesse ver os dois homens: Garth no smoking elegante que lhe assentava tão bem ao talhe esbelto, o doutor em traje de noite dos mais impecaveis, pois sabia que Jane fazia questão d'essas minucias e não reflectia que ao pé da letra ella não teria olhos para olhal-o!.

Garth sentara-se junto á lareira pois o calor da chamma era muito agradável nessa fresca noite de primavera.

— Que me dizia você ainda ha pouco a respeito da enfermeira? Que ella não lhe apertava nunca a mão? perguntou de repente o doutor.

— Sim, replicou Garth, mas não será uma regra de confraria, corporação ou instituto ao qual pertence que vedá ás enfermeiras de apertar a mão aos doentes?

— Não, que eu saiba.

— Então foi a intuição de miss Gray que a levou a agir precisamente como eu quizera que agisse. Nunca me apertou a mão nem de maneira alguma me tocou. Mesmo passando-me as cartas ou objectos como faz umas vinte vezes por dia, seus dedos nunca nem sequer roçaram os meus.

— E isto lhe agrada? interrogou o doutor lançando ao ar baforadas de fumaça entre as volutas da qual observava attentamente o bello rosto sem olhar.

— Sou-lhe muito reconhecido, disse Garth com ardor, por este requinte de delicadeza. Sabe você, Brand, que quando me propoz mandar uma enfermeira-secretaria, eu senti logo que me seria intoleravel deixar-me tocar por uma mulher?

— Você com effeito m'o disse.

— Que?! realmente. Devo-lhe ter parecido muito urso...

— Absolutamente; apenas um doente pouco vulgar. Em regra geral os homens...

— Ah! bem sei, interrompeu Garth com certa impaciencia; houve um tempo tambem em que o contacto de uma doce mão feminina me teria agradado e é provavel até que de passagem, quem sabe? eu a tivessse beijado. Fazia estas cousas outróra levianamente... Mas Brand, quando um homem sentiu uma vez na d'elle a mão d'aquella que, unica para elle, é "a mulher", esse contacto torna-se tão preciosa lembrança que, mergulhado na noite, esta lembrança é uma das poucas cousas que ficam e consolam. Não acha, pois, razoavel que qualquer outra mão de mulher se lhe represente como um objecto de receio?

— Acho, respondeu lentamente o doutor, não fiz esta experiencia, mas comprehendendo-o. Sómente, meu amigo, não vejo porque, se a "mulher unica" existe para você, não está ella aqui, a seu lado, no lugar que lhe pertence de direito, desde que o contacto de sua mão o consolaria...

— Sem duvida! concordou Garth, accendendo outro cigarro, mas na realidade isto importa em dizer que desde que ha uma vista esplendida no terraço eu devo forçosamente vê-la. A vista ali está, mas a minha cegueira

me impede de vê-la.

—Em outros termos, afalhou o doutor, acompanhá-la seja ella para você a "mulher unica", não é você o "homem unico" para ella?

—Não, respondeu Garth com amargor, apresentando num suspiro: não sou aos olhos d'ella senão uma creança.

—Digamos antes que você não soube discernir o que era para ella, nem lh'o fazer comprehender, proseguiu Deryck Brand sem parecer perceber as ultimas palavras; é preciso ás vezes tempo e paciência para provar certas coisas a uma mulher.

Garth levantou a cabeça num sobresalto de surpresa.

—Pensa você realmente o que está dizendo?

—Pensó, retrucou firmemente o doutor; no homem a revelação da "mulher unica" é fulgurante; nella, ao contrario, a convicção reciproca não se produz senão gradualmente, aos poucos, como o raiar do dia.

—Oh, Deus! murmurou Garth. Para nós foi assim. Ella para mim foi logo "minha mulher", meu coração deu-lhe sem hesitar esse nome. No dia seguinte tratava-me ella de creança, uma creança que não se póde levar a sério. Onde vão parar as suas theorias, Brand?

—Não fale de theorias, meu velho, mas deixe-me dizer-lhe: Adão fez muito mal de não ter corrido immediatamente atraz de Eva.

Garth, inclinado para a frente, agarra os braços da poltrona. Esse tom de calma segurança acordava nelle duvidas sobre a maneira com que encara a situação, as primeiras que lhe vinham ao espirito desde o instante em que, trez annos antes, deixara a igreja de Shens-tone. O doutor viu-o empallidecer mortalmente e gotas de suor lhe humedeceram a testa.

—Oh! Brand, implorou num offego — eu estou cego, seja misericordioso! Tudo para mim tem tanta significação nestas trevas...

O doutor reflectiu. Si as enfermeiras e alumnos lhe tivessem podido ver a expressão do rosto, teriam dito que estavam praticando uma operação delicada e perigosa, da qual ao mais leve desvio do bisturi podia resultar a morte do paciente, e teriam tido razão, pois a sorte de dois entes tremia ali na balança, dependendo nesta crise da segurança e leveza da mão do operador.

Este rosto angustiado, com o suor de agonia na fronte, este appello tragico: "eu sou cego..." não havia entrado nas previsões do doutor. Era um aspecto do companheiro que não podia afrontar sem emoção. Mas a ideia de que lá em cima, os olhos vendados d'aquella que esperava o acompanhavam da sombra e as suas mãos supplicantes se lhe estendiam, reacimou os nervos do medico.

—Você póde estar cego, Dalmain, respondeu num tom proposadamente comedido, mas não é propriamente um imbecil, agora.

—Como, agora? Tel-a-ia sido então ou não?

—Como posso julgar? Conte-me clara-

mente as cousas do seu ponto de vista e eu darei opinião sobre o caso.

Seu tom era tão suave que teve sobre Garth um effeito calmante, inspirando-lhe ao mesmo tempo uma deleitosa sensação de segurança. O doutor falaria por certo nesse tom de uma angina ou uma dor sciatica. Garth derreou-se na poltrona, metteu a mão no bolso interno do casaco, apalpando uma carta que lá se achava. Ousaria elle? Devia conceder-se emfim o allivio de falar da sua magoa a um homem em quem podia confiar inteiramente, evitando entretanto o perigo de trahir o nome de Jane deante de quem tão bem a conhecia?

O doutor esperava em silencio. Ao cabo de uns instantes Garth decidiu-se:

—Brand, se, como você teve a bondade de suggerir, eu me der o extremo allivio de confiar-lhe o meu segredo, promette não tentar adivinhar a pessoa de quem vou falar?

—Meu caro amigo, declarou Brand com uma bonhomia que reforçou a confiança de Garth, não procuro nunca adivinhar o segredo de ninguem. E' uma distracção que não me attrahe.

—Obrigado. Pessoalmente eu nada quizer esconder. Mas o devo a ella; que não lhe toquemos no nome, pois.

—Tem razão, meu amigo, eu não o interromperei.

Direi as cousas o mais resumidamente possivel, começou Garth com recalcada emoção. Conhecia-a ha muitos annos e encontrava-a em todos os logares onde a gente se encontra. Sempre me sympathisara com ella e lhe dera apreço ás opiniões. Era para mim uma camarada e amiga como o era para os outros, mas ninguem nunca se lembraria de associar-lhe uma ideia de amor. A gente sentia prazer em estar junto d'ella, sem poder dizer porque. E' impossivel descrevel-a... Ella era... era... era...

O doutor viu o nome de Jane tremer nos labios de Garth e não querendo estancar a onda das confidencias:

—Sim, comprehendo o que quer dizer. Então?

—Tive muitas paixões, continuou a jovem voz ardente, ou antes muitos enthusiasmos estheticos. Só via a belleza nas mulheres e a belleza me enfeitava. Nunca pensara em casamento, limitando a pintar o retrato das que admirava. Mães, ilas e velhas casadouras imaginavam logo que eu queria desposar meus modelos, mas as moças, essas sentiam logo o contrario. Admirava-lhes a belleza apenas e ellas entendiam perfeitamente de que teor era esta admiração. De uma bonita mulher eu só queria um favor: que me posasse para o retrato. Aos maridos eu não podia estar explicando isto a toda a hora. Mas as mulheres me comprehendiam tão bem que nenhuma hoje se levanta, na minha escuridão, para me censurar.

—Você foi mal julgado, disse Deryck, mas eu acredito.

—As duas unicas mulheres que exerceram influencia sobre mim foram minha mãe e Margery Grant, que eu abraço e beijo todas

as veres que são ou entro. Estes laços de infancia são os mais sagrados da vida. As coisas ficaram assim até certa noite de junho, ha annos já. Ella e eu nos achavamos hospeda-das no mesmo castello, uma deliciosa moradia. Uma tarde conversámos com mais intimidade do que de costume, e eu pensei tanto em casar-me com ella como com Margery. Mas so-breveio um incidente (não posso dizer qual, senão o reconheceria) e a mulher, a esposa, a mãe se me revelaram, num instante maravil-hoso, em toda a perfeição de uma alma pura e intacta. Foi uma revelação de ternura de que nasceu um desejo insoffreavel, um desejo que nada saciára nunca até o dia de juntos nos encontrarmos na celeste mansão, lá onde não haverá nem lagrimas, nem dores, nem trevas...

O bello semblante sem olhar brilhava il-luminado pela chamma da lareira. A lembrança do passado evocava para Garth a visão do futuro. O doutor ficou immovel, esperando que a impressão se atenuasse.

—Pois bem, continuou a voz, comprehen-di logo que a amava e a desejava; senti que a presença d'ella me illuminava o dia e a sua ausencia tornava mais fria e escura a noite. E todos os dias se fizeram radiosos porque ella estava ali.

Garth, o peito arfante, parou um momen-to. A voz incisiva do doutor elevou-se:

—Era sem duvida bella, bonita, seductora?

—Uma bella mulher? Ah! meu Deus, não... Bonita? Não sei dizer...

—Mas você não lhe quizer pintar o retrato?

—Pintei-o, confessou. Gart baixinho com intraduzivel ternura, e os dois retratos que d'ella fiz de memoria, embora acabados na triste-za e na solidão, contam entre minhas melho-res obras. Ninguém os viu até hoje, e ninguém, os verá, a não ser a pessoa nos olhos de quem tenho de confiar para que m'os traga... para serem destruidos...

—E esta pessoa?... interrogou o doutor.

—Será miss Rosemary Gray.

O doutor arranhou com a ponta do pé uma acha que queimava alegremente na lareira.

—Escolheu bem, approveu, fazendo sério esforço para dominar o contentamento que da physionomia lhe podia passar para a voz. Miss Rosemary será discreta. Mas, em summa, é-me permitido pensar que ella era bonita?

Garth parecia perplexo.

—Não sei, respondeu lentamente, como se reflectisse; não posso vê-la como a vêm ou-tros olhos. A visão que d'ella tenho no instan-te que tudo illuminou, inclui espirito, alma e corpo. Sua alma era tão bella, tão nobre, tão feminina, que o corpo que a revestia lhe com-partilhava da perfeição e se me tornava infi-nitamente caro.

—Comprehendo, disse affectuosamente o doutor, e de si para si:—Jane, Jane! você não tinha venda nos olhos e era cega nesse tempo!

—Tivemos, então, dias admiráveis, conti-nua Garth: tudo me parecia tão simples e lu-minoso, que não imaginava que o não fosse para ella. Conversavamos, faziamos musica, pa-

ravamos de todos excepto de nós... porque es-tavamos de pleno accordo, pensava eu. Toda vez que a via achava-a mais perfeita e mais mulher. Houve entre nós uma separação de tres dias, encontrando-nos depois num fim de semana em outra casa amiga. Como associa-se meu nome ao de uma jovem americana, muito linda, a proposito de um gracejo d'ella a respeito, tomei a resolução de lhe falar sem detença. Pedi-lhe que fosse ao terraço. Esta-vamos sós; fazia um luar magnifico, um luar como nunca vi...

A voz de Garth sossobrou num longo silencio, articulando depois uma surdina de profunda emoção:

—Eu lhe falei... Vi que ella me compre-hendia, julguei que me aceitava e me envol-via com o seu amor, como eu a envolvera com o meu. Mas enquanto imaginava que me com-prehendesse e correspondesse ao appello de todo o meu eu... ella esforçava-se por ser boa e indulgente... pois não comprehendera...

—Tem certeza? insistiu o doutor com a voz rouca.

—Certeza plena. Ouça-me: quando lhe dei o nome que esperava ser o d'ella em breve fu-turo: "minha mulher", vejo-a ainda: ergueu-se num sobresalto e me repelliu, mas sem colera, pedindo-me uma noite para reflectir. Marcámos um encontro no outro dia de manhã, na igre-jinha da aldeia; dar-me-ia ali a resposta. Você talvez me vá julgar obtuso de fatuidade, mas nunca me julgará mais severamente do que eu proprio. Imagine que tinha a certeza de ser acceto. Ella veio e, como eu só por forma lhe pedisse a resposta, declarou-me gravemente, categoricamente que não lhe era possível ca-sar-se com uma creança!

A voz de Garth estrangulou-se-lhe na gar-ganta e a sua cabeça cahiu-lhe sobre o peito, como a um condemnado. Chegara ao ponto em que a vida, para elle, deixara de se offerecer sob o aspecto de dantes...

O doutor sentiu um arrepio. Sabia que o transe fôra muito mais doloroso do que o go-bre Garth o dizia. Viu o homem que amava Jane, cego e revivendo eternamente esta scena que nenhum olvido jamais apagaria. Uma onda de comiserção o inclinou para Garth e, pou-sando-lhe ternamente, a mão no hombro:

—Pobre rapaz! murmurou, pobre, pobre rapaz!... E permaneceram os dois muito tempo silenciosos.

O DIAGNOSTICO DO MEDICO

Por essa bella manhã de domingo Jane e o doutor Brand galgavam um atalho em ti-guezague, que do terraço levava ao bosque de pinheiros. Dois troncos de arvores derrubadas, collocados em pleno sol e dominando um pa-norama admiravel, lhes offerciam assento. O doutor acabava de contar a Jane a conversa da noite precedente.

—Porque não lhe deu sua opinião? ex-probou ella.

—Não dei opinião, nem expoliquei nada.

Defini-o a crer no que acredita porque é o único meio de mantel-a no pinaculo em que a collocou. Não hei de ser eu que a faça cair.

—Cahiria nos braços d'elle, respondeu audaciosamente Jane, prefiro este lugar ao pinaculo.

—Permitta dizer-lhe, filha, que é bem mais provavel cair você no primeiro trem de partida para Londres. Eu até já a estou vendo nelle...

—Oh! Deryck, suspirou Jane passando o braço pelo do doutor e recostando nelle os olhos vendados; que tem hoje que está tão máo commigo? Torturou-me ainda ha pouco repetindo as palavras de Garth e agora, em vez de me confortar, censura-se, zomba de mim e deixa-me atrapalhada.

—Censuro-a, sim, mas quanto a deixal-a atrapalhada, não. A noite de hontem não foi brincadeira, asseguro-lhe. Vi que devastações pôde exercer na vida de um homem a mulher amada. Acordei hoje de manhã com a sensação de ter levado uma sóva.

—E eu? Não avalia então o que eu sinto?

—Você pensa ter razão e enquanto pensar assim seu caso será um caso perdido. É preciso aprender a dizer: "Reconheço o meu erro, perdõem-me".

—Mas eu agi pelo melhor, pensei nelle antes de pensar em mim.

—Isto não é a estricte verdade, Jane; você pensou primeiramente em si. Não teve coragem de arrostar a possibilidade de um esfriamento no amor e na admiração d'elle. Todo o amor é egoista, salvo o amor materno.

Ah! gemeu Jane, sinto-me perdida n'esta escuridão. Se ao menos pudesse ver seus bons olhos, Deryck, sua voz me pareceria menos dura.

—Pois tire o lenço dos olhos e olhe, aconselhou o doutor.

—Não quero! declarou Jane com violencia; teria eu feito tudo isto para sossobrar no porto?

—Minha filha esta privação voluntaria da vista começa a atacar-lhe os nervos. Tome sentido que não vá resultar mais mal do que bem. Os remedios violentos...

—Psiu! fez Jane estremecendo; ouço passos.

—A gente sempre ouve passos num bosque, — replicou elle, calando-se e prestando ouvidos.

—E' o passo de Garth, disse Jane baixinho. Deryck, vá ver. D'aquí se enxerga o atalho em baixo.

O doutor deu alguns passos, voltando depois a Jane.

—Sim, confirmou elle, a fortuna nos favorece. Dalmain sobe o caminho com Simpson; estará aqui em trez minutos.

—Diga antes que a fatalidade me persegue, Deryck. E a mão de Jane levantou-se rapidamente para a venda que lhe tapava os olhos: o doutor mal teve tempo de agarrar-lhe o braço no momento em que la arrancal-a.

—Não faça isso, ordenou baixo e depre-

sa, não sossobre no ultimo instante. Sou capaz de manter dois cégos á distancia um do outro. Tenha confiança em mim e fique socegada. Como não comprehende que a fortuna nos favorece? Dalmain vem pedir a minha opinião sobre o que me confiou. Você o ouvirá. Será uma economia de tempo para nós dois o presenciar você o modo com que vai acceitar meus conselhos. Agora, não se mexa, pois se se mexer serei forçado a dizer que é um esquilto e a atirar-lhe algumas pinhas para afugental-a.

O doutor dirigiu-se lesteamente a uma dobra estreita do atalho; Jane ficou só, no escuro.

—Então, Dalmain, por estas alturas! disse o doutor indo-lhe ao encontro. Podemos dispensar Simpson. Tome meu braço.

—Pois sim, replicou Garth; disseram-me que você estava aqui e eu cá vim ler.

Simpson retirou-se e os dois homens appareceram na clareira.

—Está sozinho? indagou Garth. Pareceu-me ouvir vozes.

—Com effeito confirmou o doutor, falava com uma moça.

—Que especie de moça?

—Ah! uma rapariga robusta que se me affigura de humor bastante susceptivel.

—Conheço-a, é a filha mais velha do lardineiro; tem muitas preocupações, a pobre.

—Bem me pareceu. Quer sentar-se neste tronco de arvore? Lembra-se da visia que há aqui?

—Sim, lembro-me ainda, apavora-me porrem averiguar quando, uma a uma, as imagens mentaes se embrulham e se esbatem na minha cabeça, excepto...

—Excepto?..

—O rosto d'ella!

—Ah! meu amigo, esqueci a promessa de dar minha opinião acerca do que me confiou. Reflecti seriamente a respeito; estamos perfeitamente bem aqui para conversar.

—Tem certeza de estarmos sós? perguntou Garth inquieto; parece-me sentir outra presença ao redor de nós...

—Quem é que está completamente só num bosque, caro amigo? Mil pequenas presenças innumeraveis nos rodeiam. Si quizer a verdadeira solidão, evite os bosques.

—Sim, acquiesceu Garth; mas falava de uma presença humana... Aliás, Brand, devo dizer-lhe que vivo constantemente obsedado pela sensação de uma presença invisivel em torno a mim. Outro dia teria jurado que ella, a "mulher unica" me contemplava em silencio, cheia de dó e de meiguice.

—Quando teve essa sensação?

—Recentemente, o doutor Robbie nos contou como o acaso o puzera em presença da... Ah! não posso revelar! Miss Gray e elle me tinham depois deixado só e na minha treva solitaria senti os olhos d'ella sobre mim.

(Continua)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
 INSTITUTO DE QUÍMICA
 LABORATÓRIO DE QUÍMICA ANALÍTICA
 CAMPUS T - 15048 - LARANJEIRAS - PARANÁ



MARCA REGISTRADA



MARCA REGISTRADA

Directoria da "Flor de Liz"

PRESIDENTE

ODILIA LEAL

1.º Vice-Presidente—Izabel Salles Cartaxo

Vice-Secretaria—Cynthia Mendonça Mattos

2.º " " Aline Rolim Carneiro

Thesoureira — Maria Assis Ramalho

Secretaria — Rosa Mendes Tavares

Vice-thes. — Victoria Bezerra de Mello

NUM pobre quarto, nos fundos de um escuro corredor, uma jovem mulher muito pallida, com uma menina que podia contar, talvez três annos, esperam a chegada do esposo e pae.

A mulher só muito difficilmente contém as lagrimas. A menina chora pedindo pão. Afinal a mulher cá de joelho deante de uma imagem da Virgem Dolorosa que pende da parede e lá estende as mãos numa prece ardente.

Instantes após ouvem se passos e ainda bem a moça não se tinha erguido, a porta abriu-se e entrou a marido que se deixou cahir numa cadeira.

— Sophia—diz elle:

— Outra vez, nada. Procuro aqui e acolá, recorro a este e áquelle e, nada. Não há trabalho.

E' que ainda não recorreste a quem devias recorrer antes de tudo, respondeu a mulher. Olha meu João resa e pede a Deus que nos ajude. Elle é omnipotente e está sempre prompto a nos attender.

— Ora, mulher—diz o esposo

— Deus tem mais que fazer, do que attender a um miseravel como eu. Porque, si é que elle existe, consente que tu soffras? Já não falo de mim, eu afinal não vou atraz de religião. E nossa Verinha? Que mal faz esta innocente para estar condemnada a fome e á miseria?

— Tu mesmo explicas o motivo— respondeu a esposa. Não creio, não pratico o catholicismo. Queres então participar nos beneficios de Deus, tu si podes de uma familia te offendendo clamamente? Vel meu João, mas, mas, com humildade

e confiança. Es tão bom em tudo, e si pedires mesmo com fé e

UM CARNAVAL ORIGINAL

I

confiança, a nossa miseria terá fim. Deus é tão bom e seu Filho disse:

«Pedi e recebereis».

Durante este dialogo entre os pais, a menina se sentara sob os joelhos paternos e enlaçando-lhe o pescoço pediu:

— Papai, estou com tanta fome, dê-me um pedaço de pão.

O homem levantou-se, beijou a filhinha, dizendo:

— Sim, Verinha, vou buscar pão, nem que... e sahiu precipitadamente.

II

Nesta mesma manhã, Sylvia e Lydia, as duas filhas do rico industrial Moura, iam a caminho da Igreja para assistirem á missa. Mas sua conversa não era sobre religião.

Versava, nada mais, nada menos do que em torno do carnaval. Iriam, depois da missa fazer as compras para as festas.

O pai, na vespera, lhes dera o dinheiro, como fazia todos os annos.

Este anno porem, a quantia fora tão diminuta que ellas não sabiam como arranjar. Si tinham planejado com as priminhas organizar um carnaval «original». Enfim, veriam depois o que se podia fazer. Assim entraram na Igreja e, ao terminar a missa, dirigiram-se á capella da

Virgem Dolorosa para ainda rezar um pouco, quando avistaram deante do altar, um homem de joelhos e poderam ouvir de seus labios estas palavras:— Oh! vós que sois Mãe ajudai-me, eu nada mereço mas minha mulher e minha filhinha não têm o que comer.— Era como um grito de um coração angustiado. As moças discretamente se retiraram para um outro logar e o homem retirou se. Era João. Lydia murmurou ao ouvido da irmã, Vamos atraz delle; talvez lhe possamos acudir. Porem, quando chegaram á rua não o avistaram mais.

— Que pena, disse Sylvia comovida, parecia que elle estava chorando.

— Também, não é para menos, respondeu Lydia, si a familia não tem o que comer.

— Que contraste, nós a planejarmos como gastar o nosso dinheiro em carnaval e ahi um que não tem que comer.

— Mas para onde iria? Vamos ao mercado; talvez esteja lá. Sim vamos.

III

A primeira pessoa que avistaram ao chegar ao mercado foi João.

Chegando-se mais perto delle puderam ouvir como conversava com um conhecido, ao qual contava sua desventura. Uma grave doença de sua mulher absorvera suas economias e agora não tinha trabalho. Que morava em outra rua num unico quarto, por não poder pagar mais o aluguel e assim por deante. Que estava ali com o seu carrinho para ver se conseguia ao menos um carroto.

PHOTOGRAPHIA MODELO

J. Magalhães

PROPRIETARIO DESSA PHOTOGRAPHIA TEM O PRA-
ZER DE OFFERECER AO DISTINCTO PUBLICO DES
TA CIDADE, OS SEUS SERVICOS PHOTOGRAPHICOS
GARANTINDO QUE EXECUTARÁ QUALQUER TRA-
BALHO QUE LHE FOR CONFIADO, COM PRESTEZA,
CUIDADO E ASSEIO PARA O QUE DISPÕE DE LONGA
PRATICA

TRABALHOS NITIDOS, EXPRESSIVOS E INALTERA-
VEIS POR PROCESSOS MODERNISSIMOS

PRODUZ COLORIDOS E AMPLIAÇÕES EM TODOS OS
TAMANHOS

PERÇOS CONVIDATIVOS

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

DA AÇÃO SOCIAL CATHÓLICA FEMININA. *** OFFICINAS GRAPHICAS D' O RIO DO PEIXE.

ANNO IV



CAJAZEIRAS—PARAHYBA, MARÇO DE 1930



Num. 3

Um Pacifico

Ernest Hello, o inimitavel polygrapho francês do seculo XIX, no prefacio do seu encantador PHYSIONOMIES DES SAINTS, apresenta-nos os santos como os PACIFICOS de quem precisamos falar neste seculo de barulho.

Do seio da nossa inquietação, do oshos das agonias interiores das nossas almas de modernos, partem os ansios por uma situação melhor.

Vivemos atormentados por este JAZZ-BAND ensurdecedor de apitos, de hélices e toda esta neurose de actividade que constitua o decantado progresso do seculo XX.

Debatemo nos nas angustias de um desequilibrio de forças que buscam um centro de gravitação.

Reclamam paz. Paz para a sensibilidade. Paz para a alma. Precisamos, então, falar dos pacificos. Para imita-los.

Os pacificos... homens de almas serenas como a superficie de um lago, de consciencias brancas como os linhos dos altares. Os fugitivos das realidades acanhadas, das entidades ephemerass.

Por sobre o mundo visivel elles alongam o olhar para os panoramas do Invisivel. As riquezas do Absoluto faceinam-n'os.

E, embora, na terra, já vivem do céu. Limitado pelas contingencias do presente, sua alma, no entanto, já esvoaça dentro do oceano sem praias da eternidade.

Imperturbaveis—porque não sentem o entre choque das realidades terra-a-terra. Calmos—porque são sobre-patranes á lacanhice da quantidade. Silenciosos—porque são surdos ás vozes dos insensatos.

Essa figura do pacifico do santo de Deus—vamos encontrar personalizada neste typó muito humano e muito divino de S. José.

Elle é o homem do silencio. O silencio é a sua linguagem; ella jento; elle inspira silencio. Em derredor dello tudo é silencio. Tudo é paz.

A Biblia respeitou-lhe o silencio. Delle nada nos diz a não ser aquelle vir JUSTUS, elogio tão expressivo quanto comedido.

Justo, na linguagem evangelica, não é o homem que, apenas, pratica a virtude da justiça. Não. É o varão perfeito nimbado por esta expressão de consummada inteireza moral que transparece nos gestos de João Baptista ou no semblante do Discipulo Amado.

S. José é o varão justo. E tão somente justo. Dessa forma não se lhe adivinhava o heroismo da seu silencio que se soube conter naquella pazem tão conhecida de sua vida, numa circumstancia em que todo homem se julga obrigado a falar. JOSEPH AUTEM TACEBAT.

A figura silenciosa desse santo esboço que o "o proprio Deus tem como aprendido" passou ás gerações christãs como o mais paradigmático indico de pacificos.

O LAR DO TERCEIRO

O CAÇADOR DE RATOS

—Será possível? É o sr. mesmo, Frei Martinho?

—Em carne e osso, sr. Juca. Não podia vir à Bahia, sem lhe fazer uma visita.

—Obrigado, Frei Martinho, obrigado! Deixe que chame minha velha. O' Mathilde! Mathilde! Ande depressa! Visita grávida!

Momentos depois, a sra. Schmitt não manifestou menor alegria do que o marido. E foram perguntas pelas coisas da Parahyba e pelo Collegio Seraphico, onde o casal mantinha um menino pobre, pagando todas as despesas de sua formação para futuro franciscano.

Em seguida, foi Frei Martinho que se pôz a perguntar e que, com o geito que tem, em dois tempos ficou sabendo do estado religioso de toda a vizinhança, tendo visível prazer ao constatar a benéfica influencia do casal, Terceiros modelares.

—Já se vê, sr. Schmitt, que não se esquece da terra de seus paes,—observou Frei Martinho com sorriso affavel, apontando para um quadro da parede.—Até os contos de Grimm, em quadros, ficam-lhe na parede.

—V. Rev. se refere á silhueta do caçador de ratos? Pois, veja, Frei Martinho, pendurei o quadro não só por ser bonito (sabe? é de Komischke), mas tive lá umas segundas intenções.

—Vejam só: intenções occultas num pouco de sinceridade e franqueza, como é o Juca Schmitt, quem o feria pensado?

—Não preciso envergonhar-me destas intenções occultas, Frei Martinho; creio, até, que o senhor será o primeiro a dizer; bem feito!

—Póde ser, mas fale claro, sr. Juca.

—A coisa é esta: Muitas vezes, vem gente que quer saber que quadro é este. Ha dias, entrou uma mocinha, de cabellos cortados como os daquelle rapazinho que está passando na rua, vestido curto, curtissimo em cima e em baixo, que mal dava para uma boneca; braços despidos, labios pintados que doiam á vista; toda ella tão besuntada de rouge e de satisfação de si mesma, que a Mathilde, passando um espanador no quadro, me fez um signal. O esmagamento teve effeito. A mocinha perguntou: «que quadro é este senhor Juca?», e expliquei.

«Não conhece a historia do caçador de ratos?»—A cidade de Hameln na terra de meus paes, lá se conta de tantos ratos que emper-

tavam a cidade. Ratoeiras, gatos, veneno, tudo quanto se inventava, era debalde. Apareceu, então, um tocador de flauta magica que se offereceu para libertar a cidade da praga. Combinaram o preço; elle tocava, e os ratos todos, em fileira que parecia não acabar nunca, sahiram da cidade e foram exterminados.

—Mas, o quadro não traz ratos e sim creanças, sr. Juca! Como é isto?

—Espere, menina; já lhe digo. A gente de Hameln, sovina, não pagou; o caçador de ratos voltou e começou a tocar a flauta magica. Incontinentemente levantou-se o reboliço nas casas. Não houve creança que os paes conseguissem reter. Todas, seguiram o tocador de flauta, alegres, satisfeitas, como vê no quadro, cada qual querendo ser a primeira, umas levando os brinquedos; outras carregando ou puxando a maninha pequenina. Foram seguindo, seguindo, sahiram das portas, e não voltaram nunca mais...

A moça a principio impressionada, rompeu numa gostosa gargalhada.

—Historia! «seu» Juca! Historia engraçada que, felizmente não se deu nunca.

—A menina está enganada,—respondei.—Não é historia ou conto da carochinha; trata-se de um facto real!

—O «seu» Juca tem cada uma,—disse a moça,—fala tão serio, como se fosse mesmo verdade.

—E é, menina!—tornei tão grave, que ella, amedrontada, perguntou:—Pois, se é diga-me onde foi.

—O caso deu-se no Brasil.

—No Brasil?

—Sim, e ha muito pouco tempo.

—Impossivel «seu» Juca! Um caso destes, sem eu ter ouvido fallar?!

—A menina ouviu fallar, mas não fez caso. Isto agora! eu que não sei de nada!

—A menina é até uma das que seguiu o tocador de flauta magica!..

—Eu, sr. Juca? eu?!

—Explico: veio uma malvada que não tem as attenuantes do caçador de ratos, tocou a flauta magica, e não tardou o reboliço nas casas. As meninas começaram a cortar um pedaço das mangas, a malvada tocou de novo, e ellas portaram nas todas, continuando a soar a flauta, mais uma vez pegaram na thesoura e

FLOR DE LIZ

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

DA AÇÃO SOCIAL CATHOLICA FEMININA. OFFICINAS GRAPHICAS D'«O RIO DO PEIXE».

ANNO I

CAJASEIRAS - PARAIIBA, 19 DE MARÇO DE 1927

NUM. 4

* SI A TUA VIDA É CLARA... *

OS OLHOS COM QUE O MUNDO VÊ AS MULHERES SÃO DE LYNCE E SÃO DE MVÔPE OS DE MIRAR OS HOMENS. É AS MULHERES SÔ TÊM NISSO RAZÃO DE SOBEJO ORGULHO, PORQUE É UM PREMIO Á VIRTUDE DA MAIORIA. NÃO TE PREOCUPE, POREM, O JULGAMENTO DO MUNDO. A HONRA, ESSA PALAVRA MAGICA QUE CANTA EM TODOS OS LÁBIOS, PÔDE MORAR EM ALMAS SUSPEITAS. DEPENDE DE MAIOR OU MENOR SAGACIDADE, DE MAIS OU MENOS INDUSTRIADA HYPOCRISIA.

AS MULHERES DETIDAS NO RIO, PELA POLICIA, DURANTE O CARNAVAL, SÃO SEM DUVIDA «SENIORAS HONRADAS» ROSSEAU DIZ ISSO MELHOR DO QUE NÓS.

OS OLHOS QUE PODRM DIZER DE TUA HONRA SÃO UNICAMENTE OS DE TUA CONSCIENCIA QUE É A VOZ DE DEUS.

POR OUTRO LADO NÃO PERCAS A SERENIDADE PORQUE AS APPARENCIAS TE VENHAM A CONDEMNAR.

SI TUA ALMA É DE CHRYS TAL, CANTA TEU MARTYRIO, CELEBRA TEU SOFFRIMENTO, QUE SÃO A ESCADA DE TUA GLORIA.

JOSÉ, O PURO, PASSOU PELA MAIS DURA PROVA QUE PODE GOLPEAR UM CORAÇÃO HUMANO—A DUVIDA SOBRE A HONESTIDADE DE S'IA SANTISSIMA ESPOSA QUE AS APPARENCIAS TORNAVAM REPROBA.

MAS TU VÊS DE DEUS QUE VEM DIZER A VERDADE, E TU VÊS QUE TU NÃO PÔDIA PROVAR.

SI A TUA VIDA É CLARA, QUANDO AS APPARENCIAS TE INDICAREM CULPADA, DEUS MANDARÁ O SEU ANJO QUE PARARÁ TEU NOME NA DA TUA HONRA, E MAIS UM LA AUKEOLA DA TUA VIDA É CLARA.

OPTIMISMO

Nessa conjuntura em que a natureza toda, rejuvenesce e floresce a' quadro hibernar, um como fremito de alegria sacole as asas das borboletas azues, dou- radas, brancas do campo.

O homem, rude, retemperado de oxigenio, na esperança do germen-brotado ás camadas do solo, exulta!

Que ameno o dia! que suave o viver!

A cidade esquece o flagello do banditismo para dar ingresso á missão Rockefeller, as urnas sagram na magistral expressão do voto, um dos mais calorosos defensores do sertão e mimio, o ditador do riso, derroga a crise e impõe-se á monotonia.

Certamente, não estará acaso, na pesquisa desses meteor's fugilhes o nosso optimismo.

Elle resalta de um bellizmo duradoura, de um colorido mais intenso, de um cõncreto mais sólido. — nessas crianças que crecem telares aos pares; passam rissonhas, communicativas, e, innumeras, enchem as escolas. Ao nosso ver, escrevem o mais alondorado exegeta do nosso idioma, a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem, é esta e só esta: a ignorancia popular, mãe da servilidade e da miseria. Eis a grande ameaça contra a existencia constitucional e livre da Nação; eis o formidavel inimigo intes- tino que se acyla nas entranhas do paiz.

Para o venoz, veloz jurista-ramus o grande serviço «da defesa nacional contra a ignorancia» serviço a cuja frente incumbie ao parlamento a missão de collocar-se, impondo in- traingentemente á tibieza dos nossos governos o cumprimento do seu sagrado dever para com a patria. Pertencendo ao continente americano, temos tido até hoje a hesitação de acharmo-nos completamente fora do ambiente da civilização que têm sido o grande reservatório e grande foz da nossa República. Hoje, com a acção desastrosa

Os patriarchas, os pais (fathers) da independência americana, comp'hes chamam o reconhecimento filial do povo, tinteiam a mais nitida intuição de que a cultura da alma humana, é o primeiro elemento — político de um estado. Estas palavras do mestre inconfundi-



O preclaro Arcebispo de Fortaleza, o exmo. e revmo sr. d. Manoel da Silva Gomes, cujo anniversario natalicio passou no dia 14 ultimo por entre a grata alegria de seus jurisdicionados, pois o operoso prelado é portador de um dos nomes mais illustres no Episcopado Nacional. «A Flor de Liz» saudou-o, reverente e fez votos pela longevidade de s. exc. revma, para bem da Religião e do Ceará.

vel, escriptas vão para mais de meio século, entretas e, ainda são na actualidade demasiado, oportunos.

Não podemos deixar maior prazer de acollê-las e en- fôr-las á despois mesma de ser o Brasil de hoje a melhor respon-

savel pelo cultivo da lingua portugueza, a estatística regis- ta grande percentagem de anal- phabetos. A não ser em algu- mas unidades da federação, cres- ce annualmente o numero dos que não sabem ler.

Para a solução de tão magno problema, vemos com recatado desvanecimento que «Cajascins» marcha na vanguarda dessa «de- feza nacional contra a ignoran- cia». E se desde as aulas pu- blicas, para não tallar em outras, ao seu legendario e renomado colégio Pe. Rollin, já temos como certa admissivl q' na terra de Mãe Angélica, ao reinado do obscurantismo, suc- ceedeu a aurora ferojuda das letras. Que dizer agora dessa pleiade de jovens senhoras e senhorinhas, que sob a bandeira da fé catholica crearam a mimosa Flor de Liz para gran- des gealizações de bellezas e conquistas femininas? Muito mais devemos confiar na acção desta que já não é a antiga es- crava do paganismo e sim a victoriosa do voto feminino. As heróicas biblicas edificam a historia do Christianismo, e em os nossos dias, quando a dy- nastia dos Hohenzollern revo- lucionou o mundo, Guilherme II ficou sob a protecção de uma mulher.

J. Bonifacio

No dia de Natal, foi posta em circulação, em Caja- zeiras, mais, uma bem feita re- vista de variedades, moldada nos mais solidos principios da moral christã.

Optimamente redigida, «Flor de Liz» tem um aspecto elegan- te e é de esperar que consiga merecer a acceitação do pu- blico.

Das «Vozes de Petropolis» de 16 de fevereiro de 1927 n.º 4:

Mais um catholico francez, te- ve ingresso na Academia Fran- cesa, na vaga de Maurice Barrès. Trata-se do insigne litterato Louis Bertrand.

corretam o vestido, em baixo, costuraram em cima a coroa e musica continuasse, encostaram outra vez a thesoura; o vestido subiu até por cima dos joelhos, e de desceu até, nem ouso dizer. E a flauta a tocar, a tocar, e as meninas, pegando num escafilete arroxeado ou rubro sanguinolento, pintaram os labios: recorreram a outra tinta para darem equivoça pretidão aos olhos, vestiram meias que davam a illusão de as pernas estarem nuas, e foram por aqui em diante. Seguiram á malvada, e não voltaram, e hoje, á modestia do lar christão.

A visitante deixou pender a cabeça, e disse, por fim:

— Sei de quem fala, «seu» Juca; mas, não acha que tenha, talvez, um tanto exaggerado?

— Exaggerado, menina? eu? O Mathilde, disse eu á mulher, — vá buscar «O Nordeste», que recebeu hontem.

Enquanto D. Mathilde foi, continuei:

— Oxalá fosse exaggero o que eu disse, mas não. Inteligente, eu nem disse metade da verdade. Você, outro dia, não tomou parte naquella humilhante «concurso de belleza»?

— Humilhante, «seu» Juca? porque?

— Humilhante, sim, e dispendioso, como seu pai outro dia se me queixou.

— Aqui está, Juca, — interrompeu D. Mathilde dando-me «O Nordeste» de 3 de Janeiro pp.

— Pois verá, pequena, se eu disse demais. Você, é inutil negar, já ando com a cabeça virada por este novo concurso de belleza, insinuado, para fins commerciaes, pela «A Noite», do Rio. Ouça, pois, o que conta o melhor diário de Fortaleza, capital cujas senhoras, quasi sem excepção, vieram protestar pela imprensa, contra o attentado ao pudor, que é o tal concurso, enchendo os nomes, durante dias e dias e mais dias, columnas inteiras da imprensa:

«E, para que não julgue que ha exaggero da nossa parte no verberar continuado desse concurso, que tem por fim a exhibição de corpos de moças de familia da nossa terra, vamos mostrar, com os proprios termos do regulamento de tal concurso, o quanto é elle revoltantemente condemnavel.

Eis o que diz o numero 7 desse regulamento: «Todas as concorrentes ficam sujeitas ás instrucções e decisões do director do concurso». Numero 25, parte final: «As concorrentes, não podem comparecer a festas ou ceremonias que não tenham sido incluídas no programma official, nem lhes sendo, outrossim, permitido conceder entrevistas ou tirar photographias, sem o previo assentimento da «A Noite». Numero 26: «O jury na escolha das concorrentes, deverá considerar a belleza do rosto, a perfeição do corpo pela harmonia das formas e as qualidades de «encanto pessoal». Numero 31: «As concorrentes, submeter seão nos dias e locais que forem designados, perante os respectivos juries, AS PROVAS QUE FORAM PULGADAS PRECISAS».

E, além de evitar qualquer revolta politica, na occasião dessas PROVAS, o regulamento determina no numero 33: «As concorrentes,

deverão declarar POR ESCRIPTO e sob pena de desclassificação immediata, QUE SE SUBMETTEM A'S OBRIGAÇÕES E DEVERES DO CONCURSO».

Parece que das simples transcripções acima feitas está mais que patente que o que se deseja nesse hediondo concurso é mercantilizar a belleza da mulher em todo seu esplendor.

Não se permite ás concorrentes nem mesmo tirar um retrato sem ordem do jornal que está dirigindo o movimento, e exige-se dellas, por escripto, submeterem-se a todas as provas do concurso, provas essas que vão, desde o exame superficial do rosto até a meticulosa medida das formas do corpo, num desrespeito dos mais flagrantes ao pudor das donzellas e num attentado revoltante contra os sentimentos de dignidade e de respeito das familias que permittirem, sejam as suas filhas submettidas a essa indecorosidade, nunca idealizada pelo paganismo.

Não, a familia cearense não dará as suas filhas para servirem de victimas imbelles nesse horrendo sacrificio da virtude e da pureza ao Moloch insaciavel da perversão dos costumes.

Eu havia lido pausada e gravemente. Quando terminei, a moça, que não tinha genio mau, mas apenas era uma cabecinha de vento, chorando, me disse:

— Não sabia de coisas tão feias, «seu» Schmitt. Deixe estar, hei de ser contra o concurso de belleza, como antes fui a favor; contra o concurso e... contra outras coisas; o senhor váe ver.

Terminada a narração, Frei Martinho, que tinha ouvido attento e sem perder uma palavra, levantou-se, deu um abraço apertado ao Schmitt e um aperto de mão a D. Mathilde, dizendo commovido:

— Dou lhes parabens, meus amigos. O seu caçador de ratos está virando apostolo, ou antes, são os amigos que, mais uma vez, sabem aproveitar tudo para se mostrarem bons Terceiros de São Francisco, não apenas na igreja e nas reuniões da fraternidade, mas em toda parte, onde se lhes offerece alguma occasião. Não disse eu sempre que a sua casa era verdadeiramente um lar de Terceiros?

Schmitt piscou os olhinhos e replicou: — Não lhe contei tudo ainda, Frei Martinho. O caçador de ratos tem mais historias destas, mas agora não lhe digo mais nada, porque são horas de almoçar, e o senhor nos dará a honra de sentar se á nossa mesa.

Frei Martinho não quiz, mas esta vez a tenacidade do Schmitt foi maior que a sua e assim ficou sabendo de mais alguma coisa que um dia, talvez se divulgue nesta secção do nosso «Orbe Seraphico».

FRANCISCO DE LINS.

O banho de serenidade.

O homem não foi creado para viver só, mas para viver em sociedade, onde se encontram elementos bons e máus, onde se lhe aprensam dois caminhos a seguir e onde as incertezas, perturbações, e tentações, trazem continuos embarços e ás vezes, tristezas, porque não poderia permanecer firme, sem um conselho prudente, nem uma palavra consoladora, animosa e amiga, e sem estes auxilios enfraqueceria, e certamente tombaria com o peso das suas más inclinações.

Mas, onde se encontrará este Cirineu? No seio da Igreja catholica, é onde se formam estas almas generosas, capazes de suavisar os sofrimentos alheios, e transformar os proprios em gozo.

Como exemplo dessas creaturas caridosas podemos citar Elizabeth Leseur.

Esta mulher por vontade de Deus que tudo conhece veio a casar-se com um homem cujas crenças religiosas eram diversas das suas.

Mas ella sempre firme e esperancosa, trabalhava occultamente pela conversão do seu querido esposo, sem que elle nada percebesse.

Onde ella encontrou esta coragem trasquilla e perseverante, sinão numa educação bem formada nos principios das regras christãs?

E' hoje elle, frade da ordem de São Domingos quem está publicando os livros da sua vida, que são verdadeiros thesouros, engrandecidos não só pelos seus exemplos mas tambem pela bella litteratura que enterram.

E' saber ella era muito humilde, procurava occultar-se o mais possível, ao contrario de muitas da melhor parte das nossas mulheres de hoje.

Pela guerra de vida que passava ella e a qual que breve tempo mais levada aos altares para maior gloria de Deus e para honra propria, agradecer a natureza.

Historia de um coração

ELORA POSSÓLO

Elle era um pobre coração de criança,
Tão nobre de esperanza,
Tão affectivo, generoso e leal..
Um coração que fôra
Educado na sombra protectora
De um ciúme, de um zelo maternal.

E para que? Para que fosse um dia
Fazer feliz um outro que devia
Igual lhe ser.
Elle era um coração que tinha ainda
Numa deçura azul de tarde linda
O sorriso de azul do amanhecer!

E que, nem o contacto a vida,
E nem a realidade conhecida
Deste mundo, puderam alterar,
Mas que nas noites negras que trilhava
Fulgia branco e branco as clareava
Como clareia as noites o luar..

Elle era um louco coração,
Coração de mulher ambicioso
De affectão
E ansioso
De ser comprehendido e ser amado,
De se dar, se expandir,
E repartir
Numa alegria generosa e pura,
De affecto, de ternura,
Todo o thesouro interior guardado!

Elle era um coração, a só riqueza
O só orgulho e gloria,
Com certeza,
Da anonyma heroína de essa historia.

Mas Deus, que do alto do céu acalentava
O sonho de fazel-o Seu um dia,
Chamou-o.. O coração se rebellava
E por demais humano lhe fugia..

E rebelde lutou. O amor divino
Foi, porem, vencedor!
E eu sei de um fragil peito feminino
Que hoje contém o Eterno Amor!

Devemos tomar a vida de Elizabeth para nossa guia. Celebramos corações e perseverantes como ella, e vejamos pelos seus exemplos a quanto e capaz de fazer uma mulher amada do

espirito de fé, elle pode tanto quanto o homem é capaz, e até mais: basta a operação da vontade.

GLOTH (DEB CCELH)

NOTAS ELEGANTES

ANNIVERSARIOS

PIZERAM ANNOS—FEVREIRO

Dia 22—Clorildes Alves de Aguiar, jovem muito estimado no meio joazeirense.

MARÇO



Dia 6.—Cel. Jo. quim Peba, nome que jamais se apagará em Cajazeiras, pelos relevantes serviços que a ella tem prestado com sua fortuna acumulada honestamente e superiormente applicada.

Dia 6.—O pequeno Cezar Pinheiro, filhinho do cel. Joaquim Pinheiro.

Dia 9.—A senhorinha Nazareth Licatão de nossa sociedade, e a senhorinha Maria Bezerra, nossa querida leitora.

Dia 10.—Mr y és G. Coeijo, terceirannista do Lyceu Parahybano, e o sr. Alfredo Gomes, pharmaceutico em Conceição.

Dia 11.—O sr. J. Benifacio Moura, nosso distincto collaborador.

Dia 12.—O sr. Juvenal Barbosa, da firma Julio Barbosa Lima & Cia.

Dia 13.—O reuimo. Pe. Jo: é Barbosa, recentemente nomeado vigário de Puerro, e o interessante Larcier Iphinho do pr i fidebrando Leal e d. O-lla Leal, nos a elrecreta.

Dia 16.—O sr. José Lacerda Corrêa, la- bellão nra a idada e d. Maria Rangelho Brunet, venham a ge-lhera do cel José Brunet



O sr. Julio Barbosa, da firma J. Barbosa Lima & Cia. Cui notel no passou no dia 6



A senhorinha Adalgisa Reis, mo- do Instituto S. Lúcia e uma socia d- A S. C. F. q e leste- fca no dia 24 e 25 de fevereiro.

Universidade Federal da Paraíba
Vila - Universidade - Paraíba



O preclaro Arcebispo de Fortaleza o Exmo. e Revmo. Sr. D. Manoel da Silva Gomes, cujo aniversário natalício passou no dia 14 do corrente por entre as gratas alegrias dos seus diocesanos, pois o operoso

prelado é portador de um dos nomes mais illustres no Episcopado Nacional. A «Flor de Liz» sauda o reverente e faz votos pela longevidade de S. Exc. Revma. para bem da Religião e do Ceará.

Dia 20. — A senhorinha Nenem Britto, da sociedade cratense.

Dia 22. — A senhorinha Annita Loureiro, alumna da Escola Normal, e o revmo. Pe. Emídio Lemos, digno vigário de Araripe.

Dia 25 — O cel. Nicolau Loureiro.

D. Amelia Ponchet, esposa do sr. João Leão.

Dia 26 — D. Victoria Rolim, esposa do nosso talentoso collaborador, sr. José Benifacio de Moura.

Dia 30 — A intelligente Judith, filhinha do cel. Sabino Assis e d. Nenem Assis, e a senhorinha Elpidia Galyão de nossa elite social.

Dia 31. — O sr. Celestino Ribeiro, funcionario da Fazenda Estadual.

NOIVADOS

São noivos a senhorinha Esther Bezerra e Faustino Carvalho.

Contrahiram-se em dias da semana passada os jovens Joaquim Carvalho e Virginia Assis. Parabens.



Dr. Octavio Jurema, professor de direito na faculdade de direito desta cidade, com alicio passou no dia 9 do corrente.

NASCIMENTOS — Em dias do mez passado, foi o lar do dr. Francisco Carneiro e d. Aline Carneiro, enriquecido com o nascimento de uma mimosa creança. Muitas venturas.

Luiz, é o nome que irá receber na pia baptismal, o filhinho do sr. Thomé Mendes Ribeiro, e d. Rosinha Mendes, secretaria da A. S. C. F.

Está em festa o lar do sr. Timotheo Pereira e d. Amelia Pereira, com o nascimento de uma robusta creança. «Flor de Liz» envia parabens.

SUMMAMENTE grata, por ter alcançado uma importantissima graça, por intercessão da gloriosa Santa Therezinha do Menino Jesus, mandei celebrar uma missa pela sua maior gloria.

Uma Terceira.

O amor definido pela mulher

Madame D'Arconville, assim se manifestava sobre o amor: — Quanto ás paixões, não se é amado pela razão de que se ama, sinão porque se agrada. E a razão porque se ama é um não sei que tão difficil de explicar, que vale mais convir de boa fé em que se ama e se é amado sem se saber porque.

Ninón de Lenclos, diz:—Os olhares são os primeiros bilhetes doces dos amantes.

Madame de Sartory diz:—A gratidão faz as vezes nascer a amizade, nunca o amor. Nunca se fazem as pazes no amor sem que redobre a ternura.

Madame de Sieux, diz:—As relações de amor ou de amizade não subsistem sem a delicadeza e as finas attencões. O

amante que rusga com a pessoa amada, merece ser esquecido sem remissão. O amigo que fala com excessiva dureza deve ser castigado severamente. Si os casados se detestam, as mais das vezes consiste na falta de attencões que reciprocamente têm e em estar obrigados a engulir os máus tratamentos. Amantes, sede pois, complacentes, attentos, obsequiosos, e sereis sempre amados. Maridos corrijam-se, si puderem e as mulheres os terão mais apreço e estimacão.

Madame de Lambert, diz:—A chamma do amor se apaga quando já não tem nada que desejar, e o amor sem temores nem desejo, carece de alma.

Madame de D'Arconville diz: — Não se consegue a cura do amor por meio da auzencia, si-

não, pelo contrario, por meio da presença do objecto amado: aquillo que se vê com frequencia não tem tanto prestigio.

Madame de L'Espinasse diz: — A mulher que aceita presentes de um homem contrahe uma divida que sempre paga com detrimento da sua dignidade.

Madame de Grioux diz:— Seria de desejar que nosso coração não passasse alem do ponto aonde chegou o do homem que nos ama; pois não é tão facil conhecer se somos amadas. O amor nunca anda separado do desejo de agradar. No entanto o homem procura não desagradar á mulher que ama, não é possivel que deixe de estar cegamente apaixonado. Quando não é attencioso, não sente no peito a chamma do amor.

Os mandamentos do matrimonio

Aqui estão os mandamentos do matrimonio para quem de direito convier:

I—Não te cases por dinheiro, pois serás creado de tua mulher.

II—Não tenhas medo de casar-te com uma mulher que tivesse tido algumas paixões, teme a que possa tel-as...

III—Não consintas que ninguém, nenhum amigo se metta com os teus amores: escolhe tu sozinho uma mulher.

IV—Com excepção de doces e flores, não presentes a tua noiva até o dia do casamento. Se lhe dás presentes valiosos, depois de casada não saberá o que pedir-te.

V—Não tenhas preocupações somente de que ella «seja de boa familia».

VI—Cuidado com as estranhezas porque, como disse o camponês:

O que bebe agua em cabaca
E se casa, em terra lheia,
Não sabe se a agua é clara
Si a mulher é boa... ou feia...

VII—Não te cases com parente. O casamento tem muito de negocio e os negocios em familia são os piores do mundo.

VIII—Busca para esposa uma mulher recatada, que não saia sinão o necessario, e isto em companhia.

IX—Não ti cases sinão quando te vejas seguro contra as contingencias. Os males que vierem depois serão fatalidade, e poderás ensinar a tua mulher a soffrer contigo, como antes de esforçar-te para fazel-a feliz.

X—Ao escolher a tua mulher, esquece todos os sentidos, menos o sentido commum.

Estes dez mandamentos resumem-se em dois: ama o teu proximo sobre todas as coisas e, si poderes, não te cases.

PARA AS CRENÇAS

O meu cavallinho

Quando eu era pequenino,
Tinha um lindo cavallinho:
—Inesquecivel presente
Que me ez o bom padrinho:

Castanho, estrella na festa,
Pellos macios como arminho,
Marehador de qualidade
Era assim o cavallinho.

Rompia tanto nas estradas,
Que causava admiracão;
Outro igual não conheci,
Em toda comparacão.

Tinha mesmo differença
Dos outros, o meu castanho,
—Na belleza, na andadura,
Nos pellos e no tamanho...

Era de facio...
Um mimoso cavallinho,
O presente do padrinho...

AMADEU GIANNINE

O ROSARIO

(Continuação — IX)

ROMANCE DE FLORENCE L. BARCLAY

TRADUÇÃO DE MARIA EUGENIA CELSO

—Caro Dalmain, é preciso refugar essa obsessão de presenças inverosímeis. Lembre-se que aquelles que nos amam profundamente, podem, mesmo de longe, nos fazer sentir que o pensamento d'elles está proximo, sobretudo quando soffremos. Você não se deve espantar si tem frequentemente a impressão de sentir a proxima, pois, em minh'alma e consciencia, amigo, estou persuadido que o amor e o coração d'ella o acompanham por toda parte.

—Deus todo poderoso! exclamou Garth e, levantando-se, deu alguns passos ao acaso. O doutor segurou-o pelo braço; um passo mais e tropeçaria nos pés de Jane.

—Sente-se, Dalmain, e ouça-me. Vou tentar explicar-lhe minhas palavras; preste attenção mas não se agite. Estamos em face de um problema psychologico. Supponhamos a presença dos dois seres em questão. Compreenda uma cousa: o amor no homem cria o esquecimento de si-mesmo. Na mulher, pelo contrario, exaspera a consciencia de sua personalidade. Será ella tudo que esse que a ama imagina? Poderá contentar o totalmente não só nos dias presentes mas nos annos que se abrem no futuro? Quanto mais tiver por ella sido simples e esquecido de si-mesma, mais estes pensares a obsecarão.

O doutor olhou para os lados de Jane; juntara as mãos, o que lhe deu a entender que estava no bom caminho.

—Em seguida, meu amigo, continuou Brand, pelo que me disse, aprendi que ella não correspondia physicamente ao typo de mulher pelo qual você professava admiração. Quem sabe teve ella medo de, após certo tempo, cessar de agradar-lhe?

—Não, disse Garth em tom decisivo; neste caso ella me teria confiado suas apprehensões. Eu logo a teria convencido. Sua suposição é indigna de minha bem-amada...

O vento soprava nas arvores, uma nuvem passou diante do sol. Os dois seres mergulhados na escuridão espremeiram num arrepiado e ficaram silenciosos. Afinal o doutor rompeu o silencio.

—Querido amigo, disse com uma vibração de profundo affecto na voz persuasiva, estou convencido, convencidissimo de uma cousa: ella o ama! Talvez neste momento aspire com todas as forças de seu affecto espiar a seu lado. Consta em dizer-me o nome d'ella, deixe-me procurar a e pedir-lhe a sua versão

sobre o que se passou. E se for como penso, permita que a fraga aqui para provar seu arrependimento, sua ternura, seu amor.

—Nunca, bradou Garth num impeto, nunca enquanto me durar a vida! Não vê, que quando eu tinha vista, renome, alegria, tudo que se possa almejar em summa, não lhe pude conquistar a afeição, o que sentia por mim hoje, deante da immensidão do meu infortunio, só poderia ser pena, comiserção. Nunca lhe acceitarei a piedade. Si ha trez annos eu não passava aos olhos della de uma creança, agora não passaria de um aleijado, um cego digno apenas da esmola do seu dó. Si você tem razão, e ella realmente duvidou da fidelidade futura do meu sentimento, não está mais no meu poder desmentil-a pela minha fidelidade. Recusou-me porque não me achou digno. Prefiro que assim seja. Fiquemos nisto.

—Mas assim você continua na solidão, no isolamento... observou tristemente o doutor.

—Prefiro a solidão, affirmou a jovem voz de Garth, á desillusão. Escute ouço o primeiro signal do gongo. Margery se amofinará se fizermos esperar os pratos domingueiros.

Levantou-se, voltando os olhos sem olhar para o lado em que a paysagem se estendia a perder de vista.

—Ah! como conheço bem tudo isto! suspirou quando aqui venho com miss Gray, ella me descreve o que vê e eu lhe revelo o que não pode ver. Tem muito gosto pela arte e por quasi tudo que me interessa.

Preciso pedir-lhe o braço, Brand, embora o caminho não seja ingreme. Não quero arriscar um tombo, já levei uns dois ou trez terriveis e prometti a miss Gray ser prudente. O atalho não é muito apertado, pode-se caminhar a dois de frente, trez até se fosse preciso. E' uma sorte terem concertado este trilho; não imagina como era difficil trepar aqui antigamente.

—Trez de frente, lem razão,

Deu um passo atraz e, forçando Jane a levantar-se, metteu ella a mão gelada debaixo do braço esquerdo.

—Garth, continuou, tome o meu braço direito, de modo a poder servir-se de sua bengalla com a mão direita. Assim.

E, atravez o bosque, naquella placido domingo de verão, desceram elles a passos lentos caminhando o doutor entre essas duas creaturas as quizes tão ardentemente desejava

unir os corações magoados...

De repente Garth, prestando ouvidos, perou.

—Parece-me distinguir outro passo além do seu e do meu.

—Os bosques são como o coração cheios de ecos—retrucou o doutor; si a gente se puzer à escuta ouve tudo que quizer.

—Não nos atardemos então, replicou Garth, pois antigamente, quando eu chegava atirado para o chá, Margery me castigava.

OS CORAÇÕES SE ENCONTRAM NO ESCURO

—Ser-me-ha para sempre impossível, miss Gray, exprimir-lhe o que penso do que acaba de fazer por mim.

Garth estava de pé deante da janella esconcarada da bibliotheca. O sol da manhã entrava as golfadas. Uma nova apparencia de força e animação emanava d'esse rapaz de alto e esbelto porte. Estendeu as mãos á enfermeira, mas antes para sublinhar as suas palavras de reconhecimento do que á espera de que seu gesto fosse acolhido.

—E eu que procurava a imaginar como passava a senhora o seu fim de semana perguntando-me quem podiam ser os seus amigos? Entretanto, durante todo esse tempo sozinha no quarto, os olhos vendados, a senhora passava por minha causa horas de verdadeiro soffrimento... Ah! a bondade que inspira semelhante acção está acima das palavras humanas. Mas, miss Gray não se sentiu um pouquinho culpada de impostura?

Era com effeito a sensação, constantemente sentida pela pobre Jane e por isto respondeu humildemente:

—Sem duvida, mas todavia eu lhe dissera que não iria para muito longe. E meus amigos da vizinhança eram Simpson e Margery que me ajudaram quanto puderam. Aliás dizendo que partia, dizia uma verdade, pois o mundo onde reinam as trevas é bem outro do que o da luz!

—Ah! como tem razão! concordou Garth; é tão difficil a gente fazer comprehender aos outros a sensação de absoluta solidão que sentimos! Parecem elles vir de uma outra esphera e, depois de terem entrado em contacto connosco pela voz e o gesto de sympathia, para lá de subito voltarem, deixando-nos na immensa solidão da noite perpétua.

—Sim, respondeu a enfermeira, e a gente lhes receia a chegada porque a partida torna a escuridão mais profunda e mais completa a solidão.

—Ah! sentiu isto? Não me sentirei então mais tão só no reino das trevas; dir-me hei que uma amiga dedicada me veio visitar.

—Tive um riso tão moço e feliz que Jane sentiu latejar-lhe no coração tudo que confidencia de ternura maternal.

De pé deante de Garth abriu-lhe os braços num gesto de espera e de amor e, assaz na attenção luminosa, fallou:

—Senhor Dalmain, teria muitas coisas a

dizer-lhe, mas antes de começar quero revelar-lhe a lição que aprendi no reino das trevas.

Depois, tendo consciencia de que a emoção que a sacudia lhe dava á voz vibrações que lembrariam talvez a Garth os accordes do *Rosario*, fez uma pausa e tornou num diapasão mais elevado, do qual, para personificar Rosemary, contrahira o habito.

—Senhor Dalmain, creio ter aprendido que esta solidão, intoleravel para um só, poderia se transformar num paraizo para duas creaturas que se amassem. A escuridão se tornaria para essas duas almas, em certas circumstancias, um maravilhoso lugar de reunião. Se eu amasse um homem que fivesse perdido a vista, gostaria de conservar a minha, afim de serem seus os meus olhos quando d'elles precisasse, mas tenho a certeza de que a luz muitas vezes me importunaria porque elle não a compartilharia e quando viesse a noite, teria presa em dizer-lhe: «Apaguemos as luzes, não deixemos entrar a claridade da lua e fiquemos sós na sombra tão doce e tão boa».

Emquanto Jane falava, Garth empallideceu e seus traços se endureceram. Depois uma reacção lhe fez subir o sangue ao rosto que se coloriu até á raiz dos cabellos. Esquivava-se evidentemente á voz que dizia estas cousas... Com a mão direita procurava o cordel que o guiaria á sua poltrona.

—Miss Rosemary, respondeu, e ao som desta voz os braços abertos de Jane recahi-ram; é uma grande bondade de sua parte confiar-me todos os bellos pensamentos que lhe vieram no escuro. Mas espero que o homem que tem a ventura de lhe possuir o coração, ou que terá a felicidade de conquistá-lo, não seja um enfermo como eu. Será melhor para elle viver na luz do que pôr em prova a sua generosa dedicação. E, agora, abramos nossas cartas, rematou tacteando o cordel e indo até á poltrona.

Uma sensação de terror accordou, então, em Jane, a comprehensão do que fizera. Esquecera, totalmente a enfermeira, servindo-se da sua voz para despertar em Garth a idéa do que seria para elle o amor d'ella, Jane. Esquecera que aos olhos d'elle só a enfermeira estava em jogo e que esta enfermeira acabava de lhe dar uma prova talvez demasiada de devotamento. Comprehendeu que Garth concluia, assaz justificadamente que ella acabava de lhe fazer uma declaração de... Jane sentiu-se entre Charybdis e Scylla, mas num segundo resolveu-se ao mergulho.

Veio sentar-se no seu lugar, do outro lado da mezinha, dizendo:

—Creio que foi a idéa d'aquelle ao qual acabava de alludir que me permittiu falar-lhe abertamente como o fiz... Por desgraça brigamos elle e eu... elle nem sequer sabe que estou aqui!

A secura de Garth desapareceu instantaneamente.

—Ah miss Gray, disse com animação, espero que não me ache nem curioso nem importunado, mas tenho-me perguntado muita

ver se esse feliz mortal não existia nalgum lugar!

—Não o podemos chamar feliz agora, disse alegremente Rosemary, pelo menos no que diz respeito aos seus pensamentos para mim. Meu coração lhe pertence todo inteiro, mas elle recusa-se acreditar. Um malentendido levantou-se entre nós, e como foi por minha culpa, elle não quer me dar a possibilidade de uma explicação.

—Que tolíce da parte d'elle! acudiu Garth. E estão noivos?

A enfermeira hesitou.

—Não... oficialmente não; mas é como se estivessemos. Nem elle, nem eu poderíamos dar a ninguém a sobra sequer de um pensamento.

Garth sentiu que lhe tiravam um peso do peito. Desde algum tempo receiava não ter sido muito direito para com ella e consigo proprio. A enfermeira tornara-se-lhe necessaria; mais que necessaria; indispensavel: por suas capacidades e dedicação conquistara um lugar á parte no seu reconhecimento. Suas relações eram deliciosas e a associação continua entre elles, um verdadeiro balsamo, e eis que o doutor Robble tinha estabranadamente desmanchado este ideal equilibrio. Garth um dia, só com elle, declarara que miss Gray era necessaria á sua felicidade, exprimindo a apprehensão em que vivia de que fosse chamada de um momento para outro pela directora do hospital a que pertencia.

—Temo que não a deixem ficar indefinidamente no mesmo lugar, mas talvez Deryck Brand nos obtenha uma excepção.

—Mande passear a directora e o doutor Brand, responderá o douterzinho em tom de liberado, e se quizer tel-a aqui permanentemente, assegure-se da sua pessoa, casando-se com ella, meu rapaz; aposto que não o recusará.

E fôra assim que os grossos sapatos fer-rados do doutor haviam pisado uma situação delicada. Garth, desde ahí, esforçava-se por afugentar esta idéa, sem conseguil-o. Começava a perceber que as atenções incessantes de miss Rosemary ultrapassavam o dever profissional e deviam ser inspiradas por um mais terno sentimento. Repellia obstinadamente a idéa que se lhe impunha ao espirito, tratando mentalmente o doutor Rob de imbecil e a si proprio de fatuo e ridiculo. Mas, apesar de tudo, tinha em presença de miss Rosemary a sensação de estar rodeado de uma vigilante athmosphera de amor. Certa noite mesmo encarou possibilidades mais positivas e lutou contra uma violenta tentação. Afinal de contas, porque não faria o que lhe suggeria o doutor? Porque não desposaria esta creatura tão encantadora, intelligente e dedicada? Conser-val-a assim sempre junto d'elle. A outra o considerava «uma criança». Esta talvez tivesse por elle sympathia... Que lhe offereceria? Fortuna, posição social, uma casa principesca e um companheira que não lhe parecia desagradar... Mas o tentador adeantou-se demais,

pois murmurou: «E a voz será sempre a de Jane; tu nunca viste os traços de Rosemary, tu nunca os verás. Poderás continuar a attribuir a voz áquella que adoras e, se casares com Rosemary, não deixarás de amar Jane». Mas Garth repelliu com horror a dubia alternativa e a batalha foi ganha.

A idéa porem de que a paz de coração da enfermeira por sua culpa talvez tivesse sido perturbada, o atormentava. Por isto teve real allivio sabendo que havia um homem na vida d'ella, embora o espicaçasse secreto ciu-me. E agora que a conhecia infeliz por causa do namorado, como o era elle por causa de Jane, subito impulso o levou a acabar para sempre com equívocos e falar a Rosemary com absoluta sinceridade.

—Miss Gray, disse-lhe inclinando-se para ella com o sorriso de franqueza juvenil que tantas mulheres haviam achado irresistivel, commove-me muito a sua confiança e, como quanto me sinto desajuizadamente ciumento do homem venturoso que lhe possui o coração, regozijo-me de que elle exista. Quero, pois, tambem, minha excellente amiga, dizer-lhe uma cousa, que nos toca a ambos, mas antes de o fazer peço-lhe que ponha a sua mão na minha afim de sellar a nossa amizade. A senhora que esteve no paiz das trevas deve comprehender o que significa um aperto de mão para quem não vê.

Garth estendeu a mão aberta por cima e toda sua attitde trahiua forte tensão interior.

—Não posso, senhor Dalmain, respondeu a enfermeira com uma voz um pouco tremula; queimei as mãos... oh! cousa sem importancia, um simples phosphoro nos dias em que estive cega... Mas diga-me assim mesmo o que nos toca a ambos.

Garth retirou a mão apoiando-a no joelho... Atirou para traz o corpo, conservando o rosto levantado, e havia nesse rosto uma expressão tão pura, a exaltação de um espirito pairando tão acima de todas as tentações inferiores, que os olhos de Jane se encheram de lagrimas ao contemplal-o. Só então comprehendeu o que o amor e o soffrimento haviam feito de Garth. Começou em voz baixa, falando sem se virar para os lados de Rosemary.

—Diga-me primeiro se elle lhe é muito caro.

Os olhos de Jane, pregados no resto bem amado, se illuminaram e a emoção de Jane fremiu na voz da enfermeira Rosemary.

—Elle é tudo para mim, respondeu simplesmente.

—E elle... ama-a como mereceu ser amada?

Jane curvou-se, pousando os labios no ponto da mesa em que a mão de Garth se apoiara, respondendo depois a enfermeira:

—Amava-me mais do que eu merecia.

—Porque diz «amava» no passado? «A-ma» não é mais verdadeiro?

—Não, infelizmente, confessou a voz quebrada da enfermeira; receio ter perdido o seu amor graças ás minhas desconfianças e malentendidos.

—Nunca! declarou Garth, o verdadeiro amor não falha nunca. Pode parecer morto algum tempo, enterrado mesmo, mas lá vem uma minhã em que resuscita. Seu amigo sabe que a senhora reconhece o seu erro? insistiu com extrema doçura.

—Não, replicou dolorosamente a enfermeira, e nega-me a possibilidade de uma explicação em que eu lhe mostraria o mal que nos está fazendo a ambos a sua teimosia em não me querer ouvir.

—Pobre moça! disse Garth num tom cheio de sympathia, minha própria experiencia foi tão tragica que posso compartilhar da dor dos que soffrem por affecto. Mas ouça meu conselho, miss Gray. Escreva a seu amigo uma confissão sem reticencias. Explique-lhe o acontecido. Todo homem que ama acaba acreditando. Compreendê-la-á. Espero somente que não chegue aqui como um pé de vento para arrebatá-la.

Jane sorriu atravez das lagrimas.

—Se elle me chamasse, senhor Dalmain, teria de partir logo, disse de mansinho.

—Quanto receio esse dia! continuou Garth. E sabe o que pensei, por vezes? Fez tanto por mim e occupa tão grande lugar na minha vida que pensei em recorrer a um meio extremo para conserval-a sempre aqui. A senhora é tão digna de tudo que um homem pode dar-lhe. E, como a uma creatura do seu quilate, eu não teria podido offerecer senão o melhor de mim-mesmo, quero que saiba o segredo do meu coração, onde tenho guardado uma imagem idolatrada. Todas as outras vão a pouco e pouco empallidecendo; cego, mal posso evocar o debuxo de tantos e tão lindos rostos que meu pincel reproduziu; todos se embaralham e se tornam indistinctos.

Mas, louvado seja Deus, a imagem adorada se aclara á medida que se adensa a minha treva... Hã de acompanhar-me vida em fóra e na morte, creio, ainda estará commigo. A senhora disse «amava» falando do que lhe é caro, pois não sabe se elle mudou. Eu não posso dizer nem «amava» nem «amo», falando da bem-amada. Nunca me amou, mas eu a estremeço com tal ternura que nada mais poderei offerecer na vida a quem quer que seja. Si por egoismo me casasse, o semblante de minha mulher nada me seria... resplandecendo sempre o della na minha escuridão. Cara amiga, se ás vezes reza por mim, teza para que não commetta nunca a baixeza de offerecer a outra mulher o simulacro de união que seria um casamento commigo.

—Mas, interrogou miss Rosemary, ella que tudo podia ter, ella?

—Ella, gemeu Garth, recusou tudo! Oh! Deus misericordioso, quem pode avaliar o que isto significa: parecer indigno de ser amado a quem se ama!

Garth baixou o rosto nas mãos num suspiro sem lagrimas. Um silencio completo regeu a bibliotheca. De repente, sem levantar a cabeça, pôz-se a falar rapidamente.

—Agora estou sentindo o que costu-

Brand, mas nunca, salvo no dia em que estive só, com tal intensidade!.. Ah! miss Gray, não se mexa, mas olhe se não vê alguma cousa... Olhe á janella... Não posso convencer-me de que estamos sós... Enganam me porque sou cego! E entretanto... eu não me engano... tenho consciencia da presença da mulher que amo. Seus olhos estão detidos em mim com pena e dôr. Condoe-se tanto de minha miseria que esse dô me envolve quasi como eu sonhara que seu amor me envolveria... Oh! Deus! Está tão proxima que chega ser terrível, pois não a desejo perto de mim... preferiria que houvesse leguas entre nós... Será psychico? Ou é real?... Ou estarei enlouquecendo?... Miss Gray, a senhora não me mentiria, nenhuma influencia, nenhuma diabolica subtileza a decidiria a me enganar neste ponto. Olhe em derredor, eu lhe supplico e em nome de Deus, e diga-me: estamos sós, sózinhos? E, se não estamos, quem, então, está aqui além de nós dois?...

Jane ficara sentada, com os braços cruzados e o olhar apaixonado fixo na cabeça tão bella de Garth. Quando o viu exprimir o desejo de vê-la a mil leguas, cobrira o rosto com as mãos. Achavam-se tão perto que, extendendo o braço, Garth lhe poderia tocar nas grossas tranças. Mas Garth não se moveu e Jane permaneceu de rosto escondido.

O silencio durou um bom momento depois do apello de Garth. Por fim Jane levantou a cabeça.

—Não, ha ninguem aqui, declarou com infinita brandura a enfermeira. Ninguem, senhor Dalmain, a não ser o senhor e eu...

A ESPOSA E MÃE

—Então, agradou-lhe o passeio? perguntou Garth a miss Gray.

Haviam sahidos ambos pela primeira vez de automovel e igualmente pela primeira vez tomaram chá os dois juntos na bibliotheca, pois o seu «fim de semana» na escuridão tinha valido á enfermeira Rosemary varios privilegios. Curvou-se e dispoz a chicara de Garth commodamente ao alcance de suas mãos, tocando-lhe levemente os dedos com o pires para guiá-lo.

—Tome as suas refeições commigo, disse ella num tom tão conciliante que equivalia quasi a uma carícia, e nenhum tropeço lhe sobrevirá á mesa. Não quer fiar-se nos meus olhos?

—Fie-me nos seus olhos, respondeu Garth com um alegre sorriso, em todas as outras cousas. Ah! mas... estou me lembrando de uma importante missão que tenho a confiar-lhe, missão de que a ninguem mais no mundo encarregaria. Já vem cahindo a tarde miss Gray, ou lembos ainda nós uma hora de claridade?

Miss Rosemary olhou pela janella, contemplando em seguida o relógio.

—Tomando o chá muito cedo, disse ella girando o passeio nos abrio o appaite. Ainda

não são cinco horas e a tarde está radiante. O sol só se deitará às sete e meia.

— Então, a luz está esplendida, aialhou Garth. A senhora já tomou o seu chá? O sol dá por um instante na janella do meu *studio*. A senhora conhece o meu *studio*, lá em cima no ultimo andar, pois já me foi buscar uma vez os esboços do retrato de Lady Brand. Deve ter visto uma porção de télas empilhadas num canto, algumas intactas, outras como que iniciadas. Entre estas achará duas que desejo identificar antes de destruir. Fiz-me levar até lá outro dia por Simpson e, mandando-o embora, tentei sósinho reconhecê-las pelo tacto, mas perdi-me em meio a tantas. Não quiz o auxilio de Simpson pois o assumpto d'esses dois trabalhos talvez o surpreendessem e o fizesse tagarellar, e acho curioso despertar a curiosidade de um creado. Não podia contar com Deryck, pois que conhecera o original d'esses retratos. Quando os pintei não pensava que outros olhos além dos meus os vissem jámais. A minha cara é excellente secretaria e a unica pessoa a quem posso pedir este serviço. Consente em fazer o que lhe peço e... em fazel-o já?

Miss Rosemary ergueu-se.

— Naturalmente, senhor Dalmain, estou aqui para ser-lhe util como lhe convier.

Garth tirou do bolso uma chave deitandoo-a na mesa.

— Creio que as télas que desejo estão no canto mais afastado do *studio*, atraz de um biombo japonês. São grandes. Se as achar pesadas demais, junte-as de frente e mande Simpson carregal-as. Mas não o deixe só com esses quadros!

Miss Rosemary tomou a chave, indo depois ao piano, que abriu, e estendendo a Garth o cordel que o guiava da poltrona ao instrumento disse:

— Toque um pouco, senhor Dalmain, enquanto eu estiver lá em cima. Mas diga-me antes uma coisa. Sabe quanto suas obras me interessam! quando eu encontrar as télas em questão deseja apenas que eu as identifique ou me permite admirar-as á vontade na boa luz do *studio*? Póde fiar-se em mim para fazer exactamente o que deseja.

O artista, em Garth, não poude resistir ao desejo de ver sua obra apreciada.

— Póde observal-as quanto quizer, Miss Gray; nunca fiz nada de melhor, embora os tenha pintado de memoria. E, ou antes, era antigamente uma de minhas manias.

— Como hei de reconhecê-las? Informou-se miss Rosemary dirigindo-se para a porta, onde parou e esperou. A voz de Garth, já sentado ao piano e a tocar em surdina um acompanhamento, lhe chegou distinctamente, quasi como um recitativo.

— Uma mulher e um homem... sós num jardim. O scenario mal esboçado. Ella em traje de festa, estivo a leve com uma renda clara ao redor do decote. Chama-se este! — A esposa.

— Sim.

— A mesma mulher, o mesmo scenario, mas desta vez o rapaz ausente, sente-se que é inutil pintal-o; visivel ou invisivel, está ali para ella. Nos braços a mulher tem...

O acompanhamento calou-se e um silencio absoluto cahiu sobre elles.

— ... uma creancinha. Chama-se: A Mãe.

Em seguida a musica recommçou, mansa e lenta, e a porta se fechou sobre a enfermeira.

Jane subiu ao *studio* e olhou em derredor. Cada minucia na sua perfeição revelava Garth: a harmonia dos reposteiros, a nitidez dos espaços vazios e o grande conforto dos recantos arranjados com arte. Num cavalete uma pintura inacabada, paleta e pinceis ao lado, como Garth os deixara na manhã fatal, trez mezes antes. De subito Jane arrancou-se a uma contemplação consciente que adiaa de proposito uma provação que precisava afrontar.

Atraz do biombo amarello descobriu uma quantidade de télas amontoadas, mostrando pelo atropello da desordem que mãos de cego as havia remexido, tentando de balde arrumal-as. Com respeitosa ternura Jane apANHOU as télas cahidas no chão, alinhando-as á parede. Mas as télas procuradas não se achavam ali. Jane endireitou-se e, avistando num cantinho uma nova pilha, remexeu entre ellas e achou as que viera buscar. Reconhecendo-as logo e carregando-as para defronte da janella, face ao poente, onde havia melhor luz, sentou-se para examinal-as á vontade. A nobre silhueta de uma mulher era a primeira imagem a resaltar. Sim, a nobreza dominava, emanando da attitude, do rosto erguido, da extrema dignidade do modelo. A segunda impressão era de força; força de agir, de perseverar, de consolar. Só depois é que se attentava no semblante uma surpresa imprevista. O terceiro pensamento expresso no quadro era o do amor, do amor mais elevado, mais puro, e mais humano, entretanto. Esse amor estava escripto naquelle rosto. Não tinha beleza, mas á medida que o fitava mais as imperfeições se apagavam numa irresistivel attracção; e só se lhe via a pureza e a nobre simplicidade. Esse rosto irradiava luz, positivamente, essa luz mysteriosa da alma que lhe brilhava aos calmos olhos cinzentos que, por cima da cabeça do homem ajoelhado a seus pés, olhavam para além do mar com a expressão de total abandono de mulher que nada mais tem a dar de si mesma. A ternura, a confiança, a compaixão pelo homem que abraçava os joelhos se fundiam numa infinita doçura, uma doçura milagrosa que transfigurava. Aquelle illuminado rosto sem belleza prendia o olhar como um íman e o illulo «A esposa» jorrava instinctivamente dos labios.

Jane não poude um segundo duvidar que se estava vendo; mas, ó bondade divina, e que poro differente da imagem que lhe restava a esposa! A expressão dos olhos

cinzentos lhe tornou tão vivamente presentes as emoções do momento que ella assim viveira, quando a dilecta cabeça se lhe apoiara ao coração, que murmurou varias vezes: «Foi assim... foi assim. Eu devia estar assim».

E, de repente, cahiu de joelhos deante do quadro.

—Oh! meu Deus, será que eu estivesse assim? Foi assim que elle me viu? Oh! Garth! Garth! Ajuda-o, Senhor, a me comprehender, a me perdoar!

As lagrimas lhe inundavam o rosto; teve de enxugar-as para examinar o outro quadro. Era o mesmo modelo, a mesma figura de mulher, mas tendo nos braços uma creancinha cuja morena cabeça se recostava no seio da mãe. A magestade do amor materno revislta-a de singular formosura, uma transfiguração de amor lhe idealisava o semblante extasiado: a esposa cumpria a sua missão e o sorriso de seus labios exprimia a mais ineffável das alegrias.

Um soluço sacudiu Jane da cabeça aos pés, soluço vindo das profundezas de seu ser ante a revelação do que podia ter sido:

—Oh! bem-amado, rogou baixinho, perdoa-me! Enganei-me. Confessarei meu erro e, com a graça de Deus, explical-o-ei. Mas, perdoa-me, perdoa-me!

Uma torrente de ternura a submergia. Achou afinal forças para se erguer e, encostando-se á janella, chorou perdidamente deante da gloria do pôr do sol. O céu, na fimbria do horisonte, era de ouro e purpura, [porém mais acima, á medida que o olhar subia, encolava-se no azul purissimo da altura, um azul immaterial, translucido, um azul sem fim e sem fundo... Os olhos de Jane perderam-se nesse azul e um sorriso de feliz antecipação lhe entreabria os labios. Enxugou os olhos, fechou a janella, e, tomando cautellosamente as duas télas, voltou á bibliotheca.

—Como demorou, miss Gray! Estive a ponto de mandar Simpson ver se lhe tinha acontecido alguma coisa.

—Felizmente não mandou, pois Simpson me teria encontrado em pranto, o que seria humilhante para mim.

Garth estremeceu; o ouvido do artista tinha suprehendido na entonação da enfermeira uma perfeita comprehensão de sua obra.

—Chorou? Porque?

—Porque estava encantada, deslumbrada, emocionadissima. Essas télas são lindas, commovem até o fundo da alma. Infinitamente patheticas. Pois o artista soube tornar bella uma mulher feia.

Garth deu um salto, voltando desabridamente para a enfermeira.

Como? Feia?.. bradou num assomo indignado.

—Feia, ella tornou calmamente miss Rosemary. O senhor, com certeza sabia que o modelo era feio. Ah! é que está a maravilha. Embelleceu a tanto com a dignidade de esposa, com a pureza de amor materno que nem sequer se percebe a imperfeição do rosto in-

correcto. Vemol-a amada e amante, je bella por consequente, pôr este simples facto. E' o triumpho esplendido da arte!

Garth deixou-se cahir na poltrona, as mãos juntas nos joelhos.

—E' o triumpho da verdade! Pinte o que vi..

—Pintou-lhe a alma, continuou miss Rosemary, e essa alma illuminou-lhe o rosto.

E' que lhe vi a alma, murmurou Garth com voz quasi imperceptivel, e esta visão foi tão radiosa que ainda aclara a minha noite..

Fez-se um silencio commovente. O crepusculo cahia. Por sua vez a enfermeira disse baixinho:

—Senhor Dalmain, tenho um pedido a fazer-lhe. Suplico-lhe que não destrua esses quadros!

—E' preciso destrui-los, retrucou elle levantando a cabeça, não podem correr o risco de serem vistos por pessoas que... conheçam a moça que pintei.

—Em todo caso ha uma pessoa que os deve ver, antes de serem destruidos.

—E é? interrogou Garth.

A que foi seu modelo, respondeu corajosamente a enfermeira.

—Não, ella nunca os verá!

—Mas tem o direito de vê-los.

Qualquer cousa no tom firme da insistencia impressionou Garth.

—E porque?

—Porque, vendo estes quadros, uma mulher que se sabe feia teria a revelação de poder parecer bonita aos olhos de quem a ama.

Garth ficou longo tempo immovel. Repetiu depois, interrogativamente:

—Uma mulher... que se sabe feia..

Havia espanto na sua voz e, sentindo-se tactamente animada, a enfermeira continuou:

—Suppõe o senhor por um instante que o espelho d'esta moça a tenha reflectido com o aspecto que a feia lhe deu? Póde ter a certeza de que nunca, nunca se viu assim. Ella é esposa?

—Sim, affirmou tranquillamente Garth, depois de ligeira hesitação.

—E mãe?

—Não. Eu pintei o que podia ter sido..

Miss Rosemary comprehendeu a censura.

—Caro senhor Dalmain, vejo que lhe devo parecer muito Presumpçosa com as minhas perguntas e conselhos, mas a culpa é do effeito que me produziram as admiraveis pinturas... Oh! sim, são admiraveis, admiraveis!

—Ah! respondeu Garth com a satisfação do artista bem comprehendido, eu as tinha um tanto esquecidas. Estão aqui? Tome-as, então, e seja bastante bondosa para m'as descrever.

Jane foi a janella, abriu-a respirou o ar puro fazendo mentalmente a Deus uma oração para que as forças não lhe faltassem nessa hora critica.

(CONTINUA)

V A R I E D A D E S

Pequenas replicas

—Eu não tenho religião e passo muito bem.

—O meu cão e o meu porco também.

—O tempo da igreja passou.

—Mas recomeça sempre.

—Eu não acredito aquillo que não comprehendo.

—E' por isso que não acredito em nada.

—Os Padres têm um bom officio.

—Então porque não o aprendes?

—Não ha céu.

—Para os patifes, com certeza.

—Não ha Inferno.

—De certo, para os bons.

—Ninguem voltou do inferno cá.

—Isso prova que se não sae de lá, mas não prova que se não entra para lá.

No fim de contas, o que é preciso é viver.

—Enganas-te. Depois de tudo, o que é preciso é morrer.

—Eu não tenho idé.

—Mas é uma razão para procurares.

Pensamentos

Collocae a vossa alma em estado de desejar sempre que haja uma vida futura, e não mais duvidareis della.

Rousseau.

«Não hesite em proclamar que essa indifferença religiosa, que colloca no mesmo pé de igualdade, a Religião divina e as religiões de invenção humana, para as envolver todas no mesmo scepticismo, é a blasphemia que, mais ainda que os erros dos individuos e das familias, attráe para a sociedade o castigo de Deus»

Cardial Mercier.

O homem que toma a vida a serio e emprega a sua actividade num fim generoso, eis o homem religioso; o homem frivolo superficial, sem alta moralidade, eis o impio.

Renan

POESIA

MEZ DE MARIA

Festivo como o riso das creanças,
desponha o mez de maio, alegre e puro!
Foge-se-nos da vida o pranto [duro;
fulgem luares, cantam esperanças.

Feito de luz e bemaventuranças,
Sorrindo para o bom, para o [perjuro,
Vasa nas almas deste mundo [escuro
Myriades de estrellas e bonanças.

Um como fulgido arrebol de risos
nos corações em profusão derama
toda ventura e paz dos paraisos.

E sobre a nossa vida, inflando [laccesa,
ebrio de festa, refulgindo em [chamma
Verte alegria sobre a natureza.

ALCEU LIMA

(CORTE E ENVIE O COUPON ABAIXO)

COUPON PARA PEDIDO DE ASSIGNATURA

ROSINHA MENDES TAVARES

Secretaria da FLOR DE LIZ, Rua Vidal de Negreiros, 140. Cajazeiras — Parahyba

Pede-lhe inscrever-me como assignante de FLOR DE LIZ por um anno, a come-

çar em de 193..... e a terminar em

de 193..... para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de 10\$000.

A carta com a importancia deve vir registrada com valor declarado.

ENDEREÇO

LOGAR

ESTADO

OBSERVAÇÕES

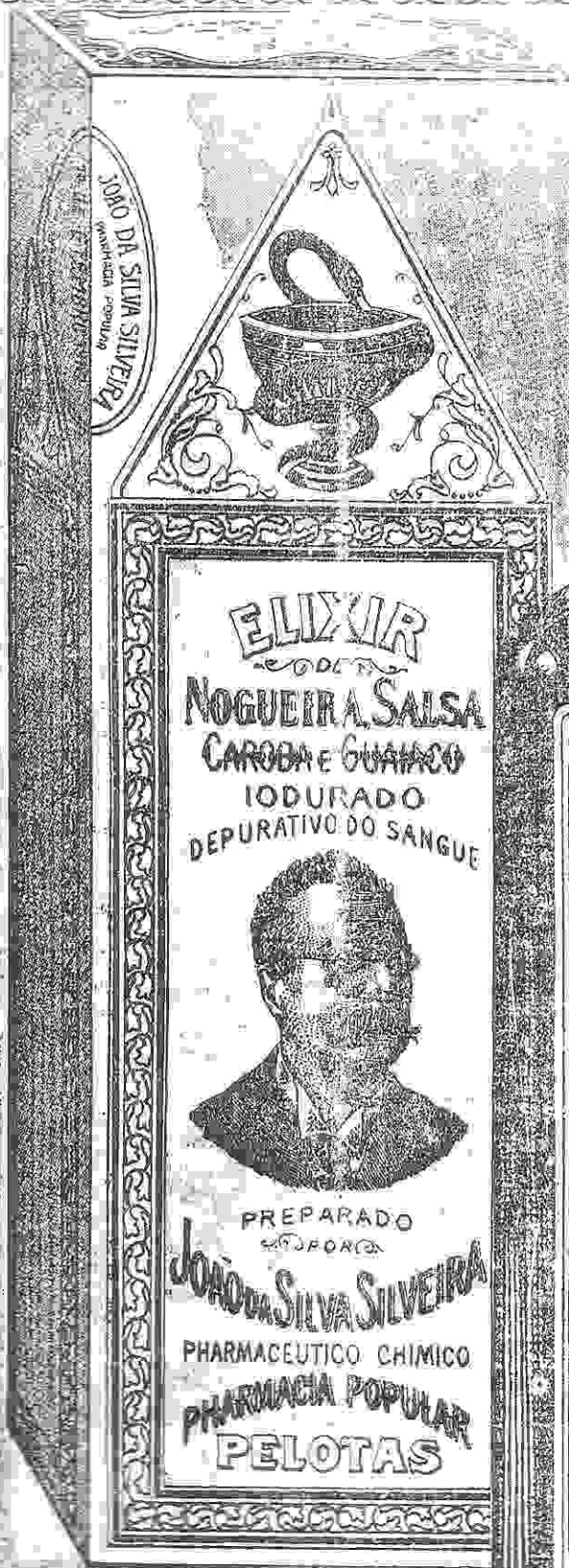
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

Centro de

B

CAMPUS V - BR. 9 - LAGOA SOLTEIRA - PARATIBA







VINHO CREOSOTADO

FORMULA
DO

Ph^{co} Ch^{co} João da Silva Silveira
AUTOR DO

Elixir de Nogueira

APPROVADO PELA DIRECTORIA GERAL
DE SAUDE PUBLICA

RIO DE JANEIRO
LICENCA N^o 766 de 30 de Janeiro
de 1919.

PREPARADO POR
Viuva Silveira & Filho
(Successores)

RECONSTITUINTE
DE 1^a ORDEM
PELOTAS
) RIO GRANDE DO SUL.

MARCA REGISTRADA

